



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Raíza Marques Sampaio


Manifestações da violência na literatura finissecular de Raul Brandão, em
Portugal pequenino

São Gonçalo

2022

Raíza Marques Sampaio

**Manifestações da violência na literatura finissecular de Raul Brandão, em *Portugal*
*pequenino***



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Prof^a. Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S192 Sampaio, Raíza Marques.
Manifestações da violência na literatura finissecular de Raul Brandão, em
Portugal pequenino / Raíza Marques Sampaio. – 2022.
76 f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem.
Dissertação (Mestrado Letras e Linguística) – Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Brandão, Raul, 1867 - 1930 – Crítica e interpretação – Teses. 2.
Brandão, Raul, 1867 - 1930. Portugal pequenino – Teses. 3. Violência na
literatura – Teses. I. Braem, Eloisa Porto Corrêa Allevato. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 869.0-95

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Raíza Marques Sampaio

**Manifestações da violência na literatura finissecular de Raul Brandão, em *Portugal*
*pequenino***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Aprovada em 17 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Norma Sueli Rosa Lima
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof^a. Dra. Regina Silva Michelli Perim
Instituto de Letras - UERJ

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa aos meus pais. Se pudesse escolhê-los, escolheria-os todas as vezes.

AGRADECIMENTOS

À professora Eloisa Porto, por ter me acolhido desde a graduação, apoiado e incentivado durante todo o processo acadêmico. Seu encorajamento foi fundamental.

Aos colegas da UERJ, pelo companheirismo e por estarem sempre dispostos a dividir conhecimentos.

Ao meu marido, por acreditar em meu potencial e me mostrar que sempre é possível.

Aos meus pais, por não me fazerem esquecer da importância pela busca do conhecimento.

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

SAMPAIO, Raíza Marques. *Manifestações da violência na literatura finissecular de Raul Brandão, em Portugal pequenino*. 2022. 76f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

A presente pesquisa analisa diversas manifestações violentas na obra infantojuvenil *Portugal pequenino* (1970), do escritor português Raul Brandão e de sua esposa Maria Angelina. A obra possui cunho denunciativo às relações de poder entre as sociedades e as nações, dando voz aos menos favorecidos. Em sua narrativa, Brandão se compadece com os miseráveis e critica os abusos sofridos por essa parcela da sociedade. Para fazer uma análise contextualizada da obra com o período histórico-social de Portugal ao qual está inserido e que o autor problematiza, do final do século XIX e início do século XX, utilizamos as abordagens de alguns estudiosos, como Vitor Viçoso (1999), Eduardo Lourenço (1999) (2016) (2018) e José Hermano Saraiva (1984). A obra literária estudada apresenta diversas manifestações de violência e percebemos que três tipos delas são frequentes: violência econômica, psicológica e física. Como apoio teórico para o estudo sobre violência, valemo-nos das contribuições de Bourdieu (1989), Minayo (2006), Karl Marx (2008) e de conceitos e análises da Organização Mundial da Saúde (OMS). O personagem principal da narrativa, Russo de Má Pelo, um menino que pode ser compreendido tanto como cruel, como curioso, está presente na maioria dessas manifestações agressivas, as quais foram analisadas comparativamente às tipologias violentas estudadas.

Palavras-chave: Raul Brandão. *Portugal pequenino*. Literatura infantojuvenil. Violência.

ABSTRACT

SAMPAIO, Raíza Marques. *Manifestations of violence in the end of the century literature of Raul Brandão, in Portugal pequenino*. 2022. 76f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

The following research analysis of several violent manifestations on the child-young book *Portugal pequenino* (1970), from the Portuguese writer Raul Brandão and his wife Maria Angelina. The book denounces the power relations between societies and nations, giving voice to the less favored ones. On his narrative, Brandão sympathizes with the less fortunate ones and criticizes the abuses suffered by this part of society. In order to make a contextualized analysis of this book with the historical-social period on which Portugal is inserted and on which the author problematizes, from the end of XIX century up to the begin of the XX century, using some scholar approaches, such as Vitor Viçoso (1999), Eduardo Lourenço (1999) (2016) (2018) and José Hermano Saraiva (1984). The studied book presents several violence manifestations and three types of them are frequent: economical, psychological and physical violence. As a theoretical support for the study of violence, it is used as contribution the work from Bourdieu (1989), Minayo (2006), Karl Marx (2008) and concept and analysis of the World Health Organizations (WHO). The main character, Russo de Má Pelo, a boy that can be understood such as cruel and curious, is present in the majority of this aggressive manifestations, which have been analysed comparatively to the previous studied violent typologies.

Keywords: Raul Brandão. *Portugal pequenino*. Child-young literature. Violence.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	O CONTEXTO E A IDENTIDADE PORTUGUESA	19
1.1	Contexto histórico: Portugal finissecular	20
1.2	Raul Brandão: vida e obra	28
1.3	O decadentismo português e outras reverberações literárias	32
2	A VIOLÊNCIA MULTIFACETADA	37
2.1	Uma questão de violência	38
2.2	Violência econômica	44
2.3	Violência psicológica	48
2.4	Violência física	50
3	MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS NA LITERATURA DE PORTUGAL PEQUENINO	53
3.1	Além do cifrão	62
3.2	Uma dor além da pele	65
3.3	Olhe minhas marcas	68
	CONCLUSÕES	72
	REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Portugal pequenino é uma obra de autoria do escritor português Raul Brandão e de sua esposa Maria Angelina, na qual se descrevem ficcionalizadas as terras de Portugal e os costumes do povo, maiormente do fim do século XIX e início do século XX. A história do país lusitano nesse período é problematizada pelo autor através do viés dos comuns daquela terra e tê-los como referencial para sua obra é uma forma de crítica à vida dura desses homens e mulheres no cotidiano. Além de dar visibilidade aos miseráveis, mostra a compaixão do autor por àqueles com os quais conviveu de perto, denunciando a maneira com que as elites, tanto econômicas, quanto políticas, têm o poder de conduzir o modo de vida dessas pessoas.

Raul Brandão publicou diferentes gêneros de obras literárias, como ficção, teatro e livros de viagem, descobrindo assim seu interesse em escrever sobre a história portuguesa. Com grande profundidade, tinha apreço, em suas narrativas, pelos oceanos e sua gente, principalmente pelo fato de ser filho e neto de homens do mar. Em suas obras, Brandão manifesta seu sentimento de tragédia, apontando a miséria e a dor de seus conterrâneos. O autor escreve para o público infantil especialmente em *Portugal pequenino*, narrando aventuras pelo céu e terra de seu país.

Percebe-se na obra, como um todo, um tom extremamente descritivo, como no seguinte trecho, em que é valorizado o campo, presente já no início do primeiro capítulo. Há nesse momento um sentimento de apego pela terra portuguesa:

Dias de cores delicadas. Aéreos. Manhãs brancas, quando o frio se entranha na pele como pontas de vidro e os montes nos atiram com o hálito à cara. O regato, lá em baixo, inchou, subiu até aos salgueiros e lima a erva dos fundos. Um azul que estremece, um doirado que se esvai, e fios de virgem ligando o mato espinho a espinho ou viajando nos ares todos molhados. Ouvem-se os rapazes do gado a aboiar de monte para monte. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.9)

Entender qual era a situação política e social de Portugal no século XIX é fundamental para a contextualização da obra literária *Portugal pequenino*, de Maria Angelina e Raul Brandão. A posição de Portugal em relação aos outros países do continente europeu era, e ainda é, bem específica, pois o conjunto dessas nações nem sempre se relaciona de forma a ajudar, e não se preocupa com o território próximo, como menciona Eduardo Lourenço: “Todos os povos, mesmo vizinhos, se conhecem mal uns aos outros” (LOURENÇO, 1999, p. 9).

A obra é classificada como literatura infantojuvenil, porém há algumas divergências sobre essa classificação, principalmente pelo fato de o tipo de linguagem utilizada, os conceitos e as referências necessárias para a compreensão do texto não serem adequados a uma criança, além de, em diversos momentos, conter teor de horror e violência entre as personagens, temas centrais de estudo do presente trabalho.

O escritor foi o primeiro que trouxe os miseráveis para literatura portuguesa, em que expunha sobre o povo sem condições, os pobres, os oprimidos e os excluídos, apresentando, na maioria de suas obras, um cunho pessimista, como também ocorre em *Húmus* (BRANDÃO, 1985), por exemplo:

Cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o com fel. Para cumprir o meu dever lhe repeti a toda a hora que os pobres têm um lugar marcado na vida. Fi-lo por dever. Não transijo nunca com o meu dever. Assim como devia tirá-la do asilo por ser do meu sangue, assim o meu dever era educá-la para pobre e reduzi-la a um ser passivo e inerte. Os pobres não têm vontade, os pobres não têm orgulho. (BRANDÃO, 1985, p.133)

É característica nas obras de Brandão a melancolia e o drama, no que tange ao âmbito da vivência da sociedade e das relações humanas, buscando um sentido para a vida, e em *Portugal pequenino* não é diferente. Nesta, o autor utiliza as personagens para problematizar comportamentos, criticar determinadas condutas, elementos da história de Portugal e problemáticas sócio-políticas da época. Nas reflexões, o autor mostra a relação violenta entre os homens, principalmente entre o explorador e o povo explorado, além da própria relação com o espaço, destacando a forma como o opressor lida com a terra que está sendo descoberta, visando apenas sua inteira exploração e não se importando com o povo da região nem com a degradação desse território. O autor, em algumas passagens da obra, utiliza-se do contraste entre a vida e a morte, entre a existência e o perecimento:

Ali adiante na estrada, ao pé da igreja, fica uma casa de lavoura. Tocam-se o cemitério e a eira. Mas ninguém tem medo: mortos e vivos, todos se conhecem. Os vivos cavam e lavram, e os mortos, estendidos uns ao lado dos outros, não tiram os olhos do céu, e esperam. Sabem quando seca o milho e ouvem-no malhar do fundo das covas. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.10)

Entre os abismos da vida e da morte, Brandão aproxima esses opostos em uma mesma realidade, como no trecho destacado, em que o cemitério e a eira se encostam. Ao lado do local onde os vivos trabalham e obtêm seu sustento e alimento, há os mortos no cemitério. A passagem mostra a vida com a morte sempre ao lado, uma companhia perene a que os seres vão chegar, igualizando todos os humanos.

Além disso, Brandão foca suas narrativas nas personagens menos favorecidas da sociedade, aquelas que usualmente não eram lembradas de forma a possuir papel de protagonista pelos escritores de forma geral, porém esse as trata como personagens principais de suas narrações. Portanto, o autor português problematizou por meio de suas obras o sofrimento dos excluídos, tendo sempre simpatia pelos pobres e suas agonias, e denunciando constantemente os opressores e suas práticas.

Cindindo entre um mundo em decomposição e o caos; uma sociedade dessacralizada e a aspiração a uma nova espiritualidade (a necessária reinvenção do sagrado); o narcisismo aristocratizante e a atração simpática pelo outo-social; o culto do eu soberano e o sacrifício do eu; Raul Brandão acha na estesia dolorista e onirista (radicada no energismo dos pobres, dos santos, da terra e dos mortos) ou no expressionismo grotesco e apocalíptico uma via possível (a exploração do oculto ou da tensão entre a máscara e o sonho) para a literatura e a arte do seu tempo. (VIÇOSO, 1999, p.16)

Assim, é aprofundado o contraste entre as personagens do livro e suas personalidades, que estão a todo tempo relacionadas ao momento histórico de Portugal finissecular, levando em conta toda sua história passada e seus feitos, além da sua sociedade dividida em classes, repartida entre a burguesia e os proletariados:

É, pois, esta <consciência infeliz>, esta caótica e desesperada postura interrogativa (o espanto) perante um mundo condenado ao absurdo que rege o seu modo de estruturar a ficção. A História paralisa-se nos pesadelos da História e a ficção, homologamente, constitui-se como um <paralítico> dominado por arquétipos que anulam o tempo objectivo e fazem da história uma anti-história (o Carnaval ou o Apocalipse). (VIÇOSO, 1999, p.16)

A personagem principal, que é o filho do amo, pode ser compreendida como uma criança má, bem como seu apelido pode indicar: Russo de Má Pelo. Essa visão é endossada na edição composta pelas ilustrações do artista plástico Mário Dias, em que prioriza a perspectiva de um menino cruel e sem piedade pelos animais. Em seus traços, o Russo ganha uma imagem ativa perante os bichos, e estes manifestam gestos de desespero, com um olhar de medo diante da vigia do garoto. A não utilização de cores ajuda a compor essa percepção, assim como a feição do Russo com um pequeno riso de satisfação ao despertar temor nos animais. Por meio de sua interação com as demais personagens durante a história da obra, principalmente com esses animais amedrontados, ocorre a denúncia dos exploradores sobre o povo explorado.

O Russo é apresentado como um menino perverso que faz maldades com diversos animais indefesos, tendo como diversão passar as tardes em busca dos pobres bichos para maltratá-los.

Figura 1 – Ilustração de Mário Dias



Fonte: BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.16.

Essa visão é suavizada nas ilustrações de Antônio Pimentel, que destaca a brincadeira de criança praticada pelo Russo, em que o sorriso transparece num semblante sereno do menino envolto de animais acomodados confortavelmente, como partes integrantes de uma mesma natureza em convívio harmonioso. Na ilustração, há a percepção de um jovem travesso, sem a imagem de poderio sobre os animais, mas de benevolência, representado através de traços finos e coloridos, o que coopera ainda mais para a construção de uma imagem de leveza.

Figura 2 – Ilustração de Antônio Pimentel



Fonte: BRANDÃO; ANGELINA, 1985, p.57.

Essas imagens ilustram o Russo de Má Pelo, amigo e filho do patrão da Pisca “ninguém de gente” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.9), sua amiga da lavoura, que é a personagem secundária¹, a qual, apesar de possuir menos destaque que o Russo, ainda assim é essencial para o desenrolar da narrativa. O Russo tortura os animais, e a Pisca, muitas vezes, pode ser interpretada como sua cúmplice, pois, apesar de nem sempre cometer as maldades, não intervém em suas ações. Pisca é tida, metaforicamente, como um pássaro preso, sem liberdade, tanto pelo trabalho, quanto pelo Russo, que é o filho do amo ao qual ela serve. Na narrativa dos capítulos iniciais, a Pisca, ora está realizando tarefas domésticas, ora se encontra na parte de fora da casa com seu amigo Russo, obedecendo aos desejos que ele lhe ordena, mesmo que sem seu consentimento. A Pisca possui destaque no desenvolvimento dos capítulos seguintes da obra, cuja participação nas aventuras da narrativa junto com o Russo é frequente, principalmente na conjuntura em que estão amaldiçoados e sofrem as

¹ São personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo; podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou do antagonista, de confidentes, enfim, de figurantes. (GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Editora Ática, 2004.)

transformações pregadas pela Bruxa das Portelas. Apesar de todo companheirismo entre os dois jovens, o Russo possui toda a regência de condução das ações. Percebe-se, então, a influência que uma classe pode ter sobre a outra, a ponto de interferir em suas atitudes, mesmo que esse não seja seu anseio. Quando a Pisca obedece às ordens do Russo, pode-se afirmar, também, que sua submissão esteja ligada a sua ascendência e na contradição de sua posição social em relação à do menino.

Para realizar a análise comparativa da obra literária com a situação lusitana, no primeiro capítulo deste trabalho, estudamos o contexto histórico de Portugal no fim do século XIX e início do século XX para assim dialogar os feitos retratados no livro com a época vivida pelas personagens. Realizamos os estudos sobre Portugal nesse contexto político-social observando os principais fatos e ocorrências do cenário português que foram fundamentais para determinar seu rumo. Além desse período histórico finissecular, também trouxemos o estudo do período das Grandes Navegações, seus feitos durante esse momento e o sentimento de nostalgia do povo português em relação a essa época, contando, entre outros autores, com algumas observações de Eduardo Lourenço.

Contrariamente à lenda, o povo português, ferido como tantos outros por tragédias reais na sua vida coletiva, não é um povo trágico. Está aquém ou além da tragédia. A sua maneira espontânea de se voltar para o passado em geral, e para o seu em particular, não é nostálgica e ainda menos melancólica. É simplesmente *saudosa*, enraizada com uma tal intensidade no que ama, que dizer, no que é, que um olhar para o passado no que isso supõe de verdadeiro afastamento de si, uma adesão afetiva ao presente como sua condição, é mais da ordem do sonho que do real. (LOURENÇO, 1999, p.14)

Dessa maneira, podemos entender as críticas presentes nas entrelinhas da narrativa e todo o domínio de análise que o autor alcança sobre um poder autoritário e injusto, revelando o sofrimento enfretando pelos miseráveis dia após dia. Analisamos, portanto, como os autores Maria Angelina e Raul Brandão retratam Portugal e suas peculiaridades na obra *Portugal pequenino*, e comparamos essas considerações com a real situação finissecular de Portugal, observando suas congruências e divergências. Raul Brandão faz uma denúncia acerca do período salazarista e o poder que o ditador possuía em suas mãos durante longos anos, o que afetou diretamente a população portuguesa e toda a organização de sua sociedade, beneficiando alguns.

Por exemplo, defender que o regime durou porque teve o apoio continuado da maioria da população, além de não ser verdade, é ficar pela pura aparência das coisas. Tudo é bem mais complicado. É certo que o salazarismo contou sempre com o indefectível apoio das classes dominantes. Os lavradores abastados do norte e

centro do país, os latifundiários dos campos do sul, a banca, os grandes comerciantes coloniais ou de *import-export*, os fulgurantes «capitães da indústria» e os grupos económicos a que a fusão de uns e outros foi dando lugar, sabiam bem o que deviam ao Estado Novo. (ROSAS, 2012, p.14)

Ainda nesse capítulo, pesquisamos sobre a vida e obra de Raul Brandão até a escrita da obra *Portugal pequenino*, pois não podemos ignorar o quanto a vida do próprio autor influenciou a elaboração de cada personagem, já que o escritor narra sobre a parcela desfavorecida da população portuguesa, assim como foi sua infância no campo, o que é vivenciado principalmente pela personagem principal *Russo de Má Pelo* e por sua melhor amiga, *Pisca*. Além disso, a localização geográfica da narrativa também foi inspirada pela vida do autor, citando alguns desses espaços na obra, como, por exemplo, o local em que nasceu e passou a juventude - Foz do Douro.

Não confundamos, todavia, vulgaridade com simplicidade. A vida simples dum artista projecta-se, em intensidade, na sua obra – e só por isso deixa de ser simples. É o caso em que vida e obra – e só por isso deixa de ser simples. É o caso de Raul Brandão. Por isso, da sua vida pouco teremos a dizer que ele não tivesse dito. Renunciámos a minuciosas investigações, que nos conduziriam apenas à segura enumerativa de algumas datas e de alguns factos meramente incidentais. (ANDRADE, 2002, p.20)

Como marca do autor, em geral, a escrita traz o decadentismo, que possui uma visão pessimista e com a descrença no progresso, porém percebemos que na obra estudada o autor inova em seu estilo literário e propõe um tom mais otimista ao final da leitura, levando o leitor a refletir sobre seus posicionamentos, principalmente se levada em conta a época retratada. Um traço estudado do decadentismo, que está presente em *Portugal pequenino*, é a problematização dos costumes burgueses, antes pouco retratada, mostrando a realidade das pessoas dos mais diversos espaços ocupados e suas diferentes formas de vida, explorando os menosprezados.

A vivência do autor no país lusitano é fundamental para o entendimento das relações entre as personagens, estando sempre presentes a crítica perante a classe privilegiada da sociedade e seus abusos sobre os desfavorecidos, por meio, principalmente, de metáforas, tendo o autor, aparentemente, uma cobrança pessoal por denunciar tais condutas. A experiência de Raul Brandão no meio dos habitantes comuns de Portugal, ou seja, aqueles que não possuíam qualquer privilégio, é levada em conta para ser cotada como o motivo pelo qual Brandão narrava sobre os oprimidos, além do fato de que ele teve bastante contato com o povo agrícola durante sua vida, o que o fez simpatizar com essa fatia da sociedade, como podemos constatar em *Portugal pequenino*. É notável que Brandão mostra sua avaliação

política em relação à sociedade composta por classes e ao sistema segregador, que faz com que as pessoas possuam diferentes oportunidades de ascensão, já que ele foca em um período português marcado pela ditadura.

Relacionamos também o Expressionismo com a obra de Brandão, pois se trata de uma narrativa que busca explorar os sentimentos humanos por meio das relações entre as personagens e suas histórias. O autor é atento às emoções das personagens e mostra o quanto as relações de poder influenciam na história de determinado povo, em específico o povo operário português. Portanto, o escritor enfatiza denunciativamente o mundo burguês e o capital que ambiciona, mostrando o ser humano em crise e decadente. A narrativa se associa a esse movimento revelando o lado distorcido das relações humanas, tendo foco nas configurações negativas dessas convivências, conduzindo de forma caótica e angustiante o enredo, o diálogo e as experiências das personagens.

Já no segundo capítulo do presente estudo, pesquisamos e procuramos compreender sobre a violência na obra literária, assim como os teóricos e suas teorias que se baseiam em diversas formas de conceito da violência e seus abusos. Para isso, estudamos alguns tipos de violência que dialogam diretamente com a obra *Portugal pequenino* e para tanto selecionamos as seguintes violências: econômica, política, psicológica e física. Analisamos cada um desses tipos de violência e relacionamos com a obra trabalhada, ponderando suas definições, particularidades, características e a maneira como a narrativa aborda os atos violentos, relativizando-os também com a cultura local e como foram inseridos no contexto das personagens. Consideramos pertinente para estudo as principais formas de violência retratadas na obra de Brandão, tanto as vividas explicitamente a partir da interação entre as personagens, quanto as trabalhadas metaforicamente, também por esse viés.

A princípio, o leitor acredita tratar-se de uma obra destinada às crianças, já que possui animais personificados e cantigas rimadas produzidas, inclusive, pelo protagonista. Mas, por outro viés, percebe-se que a intenção crítica do autor pode não ser alcançada pelo público infantojuvenil, o que não é motivo para anular a compreensão desse público leitor. Além disso, percebe-se que a violência está sempre presente durante o decorrer da obra, com passagens de terror, principalmente por parte do protagonista para com os animais. Apesar de ser uma obra que retrata Portugal no fim do século XIX e início do século XX, reparamos o quanto a violência trabalhada no livro está presente ainda nos dias atuais, o que nos motiva a estudar suas significações, influências, recorrências e consequências ao longo do tempo.

Sintetizamos as principais ideias dos tipos de violência apontados tendo como base as definições e estudos de alguns teóricos, como, por exemplo, Minayo, Foucault e Bourdieu. Ao

longo do capítulo, abordamos os conceitos de violência e os exemplificamos utilizando a obra *Portugal pequenino*, reafirmando o teor violento que possui a narrativa. Por conter um conceito tão abrangente - “Por mais que tentasse, não foi possível oferecer ao leitor uma visão muito simplificada da questão, uma vez que o tema é complexo, polissêmico e controverso” (MINAYO, 2006 p.7) -, (por isso) decidimos distinguir para então especificá-los nos capítulos da obra literária trabalhada, para que assim pudéssemos fazer uma leitura e análise direcionada para o tipo de violência trabalhado no momento.

Por fim, no terceiro capítulo da presente pesquisa, fizemos um estudo mais aprofundado da própria narrativa, analisando cada elemento presente na obra, que foi inserido por Brandão. Percebemos que o autor escolhe preventivamente cada traço de personalidade de suas personagens, para que assim pudesse trabalhar com as inter-relações pessoais, fazendo um paralelo com sua vivência pessoal e denunciando o contraste entre a classe economicamente dominante e o proletariado, o detentor do poder e o submisso. Não só isso, estudamos também os demais elementos da narrativa e como eles foram construídos pelo autor: o espaço que compõe, tão fundamental para a nossa contextualização da obra, e o tempo, por exemplo, que é fundamental para entendermos a conjuntura da época retratada, observando principalmente suas relações com o teor denunciativo do autor.

Finalmente, Raúl Brandão é um homem de meditação, alimentada pela emoção que lhe provocam os pobres, os desgraçados, a Dor, o espetáculo na natureza e da vida, o espanto e o absurdo desta, na qual a mesquinhez quotidiana e a beleza apenas adivinhada enchem a corrida para a morte. No seu buraco e cismar, alimentando recordações do passado, evocando figuras reais, recordando cores e tons [...] (PIRES, 2007, p.15)

Como citado por Pires, Brandão é um autor bastante atento à realidade e transparece em suas narrativas as emoções que a vida lhe promove, como na obra literária da presente pesquisa. Analisando trechos específicos de *Portugal pequenino*, podemos observar passagens da narrativa em que o autor expõe atos violentos, – conceituados no capítulo anterior – denunciando essas práticas. Portanto, no último capítulo, analisamos algumas passagens da obra com traços que se configuram como violentos, relativizando-os aos conceitos de violência.

Também fizemos um estudo comparativo com uma das obras de grande importância (da figura) da literatura portuguesa, a obra do poeta Luís de Camões, *Os Lusíadas*, que acrescentou bastante a nosso trabalho por possuir inúmeros pontos de contato e divergência com a narrativa de Brandão. Na obra poética de Camões, o autor buscou contar a história do povo português por meio de dez cantos, apresentando a viagem de Vasco da Gama em seu

caminho marítimo em busca da Índia, tendo como enredo as grandes navegações e expondo uma vertente de luta da história portuguesa com a consolidação do Estado luso. Ainda assim, a obra de Camões não é apenas uma epopeia, visto que apresentou uma visão crítica de seu tempo, sendo um poeta subversivo. Em *Os Lusíadas*, Camões também faz uma condenação da política portuguesa, portanto, possui dois aspectos opostos: tradição épica sobre as viagens e guerras, e a crítica presente em seus versos, com o maneirismo na lírica de Camões.

Mas com buscar, co seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado cum árduo sofrimento;
(CAMÕES, 2009, CANTO SEXTO ESTROFE 97)

Notamos que as duas obras produziram escritos sobre Portugal e ambas fazem uma retomada à história do país lusitano, porém elas possuem pontos de vista diferentes, e, portanto, proposições um tanto quanto em desacordo. Assim, fizemos diferentes leituras sobre um mesmo tópico, uma de forma mais glorificativa e outra de maneira mais denunciativa, tendo como perspectiva principal a obra principal deste presente trabalho de estudo: *Portugal pequenino*.

1 O CONTEXTO E A IDENTIDADE PORTUGUESA

A partir da obra *Portugal pequenino*, de Raul Brandão, fizemos um estudo contextualizado para podermos analisá-la coerentemente. Nossos referentes para a pesquisa contextualizada levou em conta alguns fatores relevantes ao momento histórico de Portugal na época de produção da obra e as referências que podem ser feitas pelo autor durante a narrativa, observando alguns fatos históricos pertinentes, como o regime salazarista e a filosofia do liberalismo. O desenrolar da narrativa está diretamente ligado à experiência vivenciada pelo país lusitano, seus obstáculos e desafios enfrentados, levando em conta que se trata de uma obra/autor crítico o qual problematiza diversas questões sociais e econômicas. Ao trazer o contexto histórico do momento de produção da obra literária, é possível tecer uma melhor análise da própria narrativa, na qual estão presentes as referências que foram estudadas.

Além do contexto histórico, também foi estudada a vida do Raul Brandão e as experiências expressivas que o autor pôde levar em conta para a produção de sua obra. Conseguimos entender, portanto, que Brandão carrega consigo marcas de sua infância, adolescência e de jovem adulto para o desenrolar da narrativa, trazendo algumas referências comuns a ele e de seu povo para as personagens. A união, nesse caso, é possível, já que ao problematizar questões sociais do povo português, o autor está trazendo experiências de vida, ao se notar que ele também está inserido na parte proletária dessa sociedade. Ao conhecer mais profundamente a vida de Raul Brandão e o caminho pelo qual percorre até a produção da obra em estudo, faz com que a escrita do autor obtenha mais sentido e coerência, já que dores, críticas e anseios são, algumas vezes, de algum modo, compartilhados entre autor e personagens. A completa divisão entre vida e obra por vezes é indissolúvel, já que as experiências de Brandão impregnam no que se faz de compreensão de mundo em *Portugal pequenino*, na qual foram analisadas essas possíveis associações e rompimentos.

O preconceito supõe que um homem se torna autor se possui o dom de “expressar” esteticamente seus sofrimentos e suas alegrias. Nessa concepção, existiram por um lado as experiências de vida, por outro, flutuando em algum éter, as obras que pretensamente os representam de maneira mais ou menos disfarçada. Cabe então à história literária tecer correspondências entre as fases da criação e os acontecimentos da vida. Na realidade, a obra não está fora de seu “contexto” biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união. (MAINGUENEAU, 2001, p.46)

Dentre a análise do contexto histórico e a vida e a obra de Raul Brandão, também pudemos observar que a corrente literária decadentista se faz presente. Em sua literatura, influenciado pelo decadentismo, no geral Brandão possui cunho pessimista e apresenta certa desesperança em relação ao futuro de sua nação em crise. Como decadentista, ele não acredita em um suspiro da sociedade portuguesa, criticando o modo como o futuro da nação se encaminha.

Entende-se que a literatura não é o retrato de uma sociedade, logo, não é fato histórico, porém podemos perceber que Brandão, em suas obras, apropria-se do sentimentalismo presente na população lusitana, problematizando questões sociais enfrentadas por seus conterrâneos. O autor tece críticas à sociedade portuguesa metaforicamente por meio das personagens, apresentando o ambiente agrário em que estão inseridas e denuncia as relações de poder. Nesse contexto, também observamos pontos de contato com o movimento expressionista, de maneira que se manifesta com teor violento, distanciando-se, dessa forma, de paisagens impressionistas, quando essas trazem cenários luminosos.

É interessante salientar que ainda assim *Portugal pequenino* possui certo tom mais esperançoso ao final da narrativa, mesmo que por todo corpo da obra teça crítica e apresente desânimo perante a realidade vivenciada. Podemos, portanto, compreender que Brandão produz a obra em um momento histórico português um pouco conturbado, problematizando alguns movimentos políticos e comportamentos sociais, estando inserido em outros estilos com preocupações da época, o que acarreta em sua vida particular poder ter alguns pontos de contato com o que é narrado por ele.

1.1 Contexto histórico: Portugal finissecular

O fim do século XIX e o início do XX foi marcado por uma “fase de estagnação e depressão, iniciada pela crise de 1891 e que se prolongou no século seguinte.” (SARAIVA, 1984, p. 309). Nesse cenário, Portugal apresenta um processo econômico também estagnado, instaurando-se, portanto, um desequilíbrio estrutural no país, o que origina alguns problemas políticos e desencadeia mudanças sociais. Inserida nesse contexto, a população, igualmente, sofre transformações com o propósito de se adequar ao contexto histórico presenciado. Alguns amoldamentos são provenientes do panorama rural, com predominância dos produtos

agrícolas do comércio, e, conseqüentemente o alastramento do campo para dar subsídio à demanda.

Sob essa conjuntura, há um aumento da classe média lusitana, correlativo à crescente produção agrícola, que procurava expandir as áreas para produção e sua utilização para cultivo. Essa parte populacional, já ao final do século XIX, havia ocupado grande parte das terras baldias e das encostas, visando desenvolver cada vez mais a proporção de terra particular para cultivá-las. Porém, mesmo com alta necessidade dessa mão de obra, na mesma medida, a condição de vida dos camponeses apresenta declínio, posto que a parte substancial proveniente do rendimento da produção agrícola não fica sob seu poder, mas sim do proprietário da terra. O trabalhador rural, portanto, percebe que seu esforço no trabalho não é notado, sendo uma das causas do descontentamento populacional da classe nesse período, já que na segunda metade do século XIX, a nação lusitana, em oposição à situação anteriormente conquistada na era das Expansões Marítimas, já não possui identidade colonizadora e, apesar de ter construído, nesse período, estradas e vias férreas para viabilizar a comunicação e comércio, não favoreceu a população maiormente camponesa, havendo má distribuição de renda, o que gera conseqüências econômicas para o povo português:

O que se pode dizer é que a terra, como instrumento de produção, deixou de estar na posse de congregações eivadas de espírito tradicional e que possuíam a terra para prover ao seu próprio sustento, e passou a ser explorada por empresários que tinham por objetivo fazer dinheiro. Este facto, conjugado com a construção das estradas e vias férreas na segunda metade do século XIX, intensificou o movimento de comercialização do produto agrícola e contribuiu para o enriquecimento da burguesia, mas não melhorou a situação dos camponeses pobres. (SARAIVA, 1984, p.295)

Além disso, ocorre em Portugal uma estagnação do setor industrial, visto que o rendimento agrícola naquele momento está em ascensão, mas não é compensatório para o desenvolvimento econômico do país. Sob esse viés, Portugal encontra-se não só estagnado economicamente, mas também não acompanha o desenvolvimento e o crescimento que ocorrem em nações próximas, como a França, inclusive em relação aos meios de transporte e estradas para promover os vínculos necessários mesmo que dentro da própria nação, já que “quando lá fora ninguém se espantava com ver passar um comboio, ainda aqui a passagem da diligência fazia sensação.” (SARAIVA, 1984, p. 310), sendo construídas as linhas férreas e outras construções ao final do século XIX.

Portugal possui, nesse período, sua economia baseada na fonte agrícola com a utilização da mão de obra dos operários, e aqueles que não são os proprietários de terra não

conseguem ter boas condições e uma boa qualidade de vida. O campo fica sendo o meio da principal forma de trabalho dos portugueses durante bastante tempo, até, ainda, o século seguinte: “em 1900 trabalhava na agricultura 61% da população e apenas 18% na indústria” (SARAIVA, 1984, p. 318), sendo o efeito da não industrialização do país e intensificando ainda mais a discrepância urbano-rural, despertando uma atmosfera de desânimo na população.

A contraposição entre a classe dominante e a minoritária encontra-se estruturada na sociedade, salientando ainda mais a hierarquia na composição da sociedade lusitana. Diferentemente dos conservadores ingleses, que conseguem chegar ao poder de forma hegemônica, essa parcela portuguesa não tem força para uma ascensão total ao poder político e econômico, prendendo-se a um passado monárquico que era de seus opositores. Por outro lado, os trabalhadores ingleses se organizam em forma de sindicatos, deixando a luta de classe nessa nação menos desigual. Esses trabalhadores garantem seus direitos através de lutas populares e greves, sendo esta a principal arma do trabalhador, em razão de ser o bem mais valioso que o proletariado pode oferecer ao seu condutor. Consequentemente, os ingleses obtêm acesso a alguns bens de consumo, diferentemente dos trabalhadores portugueses. Em Portugal, a diferença entre as camadas sociais era muito mais gritante que em outras partes da Europa. A luta de classes em Portugal fica muito mais evidenciada com a necessidade dos dominantes fazerem uso do passado glorioso português para a sua relação de poder. A elite portuguesa, diversa a algumas nações europeias, não tinha poder suficiente para uma ascensão política, então a relação com um passado monárquico e com a própria monarquia se faz necessária.

Esse ambiente de incertezas e falta de valorização pelo qual passava a nação portuguesa promove desmotivação entre seus habitantes e também origina o agravamento das condições de trabalho dos camponeses no meio rural, que ainda dependem dos baixos salários fornecidos pelos detentores do capital.

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só sobrevivem se encontram trabalho, e só encontram trabalho se este incrementa o capital. Esses trabalhadores, que são forçados a se vender diariamente, constituem uma mercadoria como outra qualquer, por isso exposta a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as turbulências do mercado. (MARX; ENGELS, 2008, p.19-20)

O apego ao passado permeia a nação e forma uma identidade de seus habitantes, vista como uma pátria atrasada no contexto europeu em oposição aos demais países do continente e

também em relação a sua imagem anterior como nação colonizadora. Um dos motivos destacáveis para tal fato é a perda de sua posição de império colonial, visto que, no século XVI, Portugal foi um grande conquistador de novos territórios e tirou muito proveito de sua exploração colonialista, sustentando sua economia, sendo essas conquistas territoriais frutos de suas grandes navegações.

Assim sendo, em contrapartida ao período de glórias portuguesas, no período compreendido entre o fim do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, decorre na Europa um momento em que as principais potências europeias não estão envolvidas em conflitos diretamente. Isso não quer dizer que essas nações não estejam se armando e formando alianças, mas há a percepção de uma política de estabilidade, que gera um período de progresso e expansão artística e intelectual nomeado de Belle Époque, cujo núcleo era localizado em Paris. As inovações tecnológicas advindas dessa fase proporcionaram às nações europeias, como a França e a Inglaterra, ainda mais desenvolvimento, inclusive econômico, abastecendo essas nações com otimismo e novas maneiras de se relacionar. Por outro lado, a nação lusitana não alcança tal progresso tecnológico, encontrando-se em uma posição inferior às demais nações europeias neste período, o que reflete em sua sociedade que “acompanhava de longe a festa dos outros” tentando fazer parte daquele meio: “era a nossa maneira de estar na Europa com lama pelos joelhos” (LOURENÇO, 2018, p.61). Enquanto cidadãos franceses possuíam acesso aos novos inventos como telégrafo e telefone, os lusitanos continuavam presos aos séculos passados e a uma glória portuguesa que não os refletia mais, fomentando ainda mais a desigualdade entre nações europeias e também no interior de Portugal.

A fim de combater o desequilíbrio instaurado, em meados do século XIX, com seu triunfo em 1820 (NUNES, 1988), ascende o movimento liberal que promete menos desigualdade em Portugal, opondo-se ao regime absolutista anteriormente instaurado, considerado opressivo. Esse movimento vem como uma alternativa à crise política, ideológica, econômica e militar enfrentada pelos portugueses. Para os liberais, a situação agrária em que a nação portuguesa se encontrava era desastrosa e deveria ser revista, pois afetava a situação econômica do país. Esse problema estava diretamente ligado à falta de fábricas portuguesas, que seria outra questão a ser analisada, visto que os vizinhos europeus estavam em ascensão industrial, como a Inglaterra. Os ideais do liberalismo buscavam uma sociedade portuguesa mais igualitária, com respeito às questões individuais dos cidadãos. Portanto, defendia a liberdade de expressão da população e, também, o direito à propriedade privada, tendo a funcionalidade de garantir essas liberdades, interferindo o mínimo possível na vida particular de cada cidadão.

Esse modelo político buscava representar a necessidade portuguesa no momento em que se encontrava, tentando a retomada dos direitos da sociedade e sua possível saída da crise instaurada. Para isso, defendia o direito à livre iniciativa, sendo um ideário mais individual e representativo.

Instaurado o regime liberal, cuja existência representava, ao nível político, uma ruptura com a lógica de uma sociedade de ordens, seria de esperar que se encontrassem facilitados os ataques aos privilégios do clero e da nobreza, possibilitando a reestruturação da sociedade portuguesa. (ROSAS, 2009, p.323)

Os liberais consideravam a conjuntura agrícola e o atraso político, econômico e mental de Portugal uma situação calamitosa. Nesse contexto de descontentamento, em 1890 há uma maior pressão para a derrubada do regime monárquico no território e mais tarde, em 1907, a tentativa da dissolução do Congresso. Após os assassinatos dos reis D. Carlos e de seu sucessor D. Manuel, a crise política em Portugal se acentua e em 1910 ocorre a Proclamação da República Portuguesa, que trouxe uma falsa sensação de liberdade para os lusitanos, já que, a fim de se opor ao movimento liberal e visando à restauração da condição portuguesa, em 1933, o professor de Finanças da Universidade de Coimbra, António de Oliveira Salazar, assume o governo de Portugal. A partir de então se instaura no país uma nova Constituição, inaugurando o Estado Novo, que é marcado com a ditadura salazarista, com um regime ditatorial, antidemocrático, antiliberal e conservador. Nesse período o governo concentrava o poder na mão do seu líder e não havia negociações com a população, tendo a censura como uma de suas práticas, veiculando apenas informações provenientes do próprio governo. O ideário salazarista possui como referência a doutrina católica. Motivado pelos valores da Igreja, Salazar não separa a sua carreira política de sua carreira missionária, assumindo uma posição extremamente nacionalista e autoritária. Além disso, a partir de seus ideais nacionalistas, defendia o colonialismo português e o governo era quem fazia o intermédio entre os patrões e os empregados, sendo tendenciosamente voltado às elites.

Poderá argumentar-se, todavia, que o pensamento matricial de Salazar acerca das relações do poder com as massas era marcado por nítidas distâncias relativamente a esta visão algo massificante, e com assomos de mobilização, da educação política e ideológica. Sendo um autoritário conservador de formação católica, um adversário convicto do «demo-liberalismo» e das ideias socialistas e comunistas, o pensamento salazarista vem sobretudo na linha da tradição contra-revolucionária da direita conservadora, ainda que moldado pelos ensinamentos do «catolicismo social». (ROSAS, 2001, p.1038)

Nesse regime, a sociedade não possuía qualquer liberdade, visto que Salazar foi líder ditador e que pôs fim ao liberalismo português, presidindo no cargo por longos trinta e cinco anos, apenas saindo do cargo por motivos de doença, mas deixando um substituto. A oposição política que resistia era duramente reprimida e torturada, havendo prisões dos adversários, conforme seu ideal totalitário, ainda que fosse um regime que se diferenciava de outros governos fascistas, com outros fundamentos, mas ainda assim elitista (ROSAS, 2012).

Visto tal situação portuguesa, é de se notar que o país enfrentava inúmeras dificuldades no período analisado. Com isso, foi-se formando uma sensação portuguesa de desânimo perante à sua realidade, já que a sociedade não possuía grandes esperanças em sua situação futura e vivia com o pensamento saudosos em relação aos períodos anteriores em que Portugal se consolidara como uma grande potência, tendo precedentes como um país expansionista e promissor. A sociedade lusitana se conteve presa a esse pensamento, o que condenava sua resposta ao futuro ainda incerto, visto que ao se prender ao passado não ultrapassava a barreira de se desvencilhar de memórias para partir em direção a um futuro vigoroso.

A sociedade portuguesa, apesar das dificuldades enfrentadas, ainda apresentava teor nacionalista, vangloriando os feitos passados das Grandes Navegações. Os portugueses são saudosos por esse período e acreditam que esses tempos de grandes descobridores fizeram do país uma incrível nação, mas fica um pouco confuso diferenciar o quanto realmente Portugal foi essa pátria gloriosa ou o quanto esse período pode ser visto mais como uma fantasia heroica portuguesa do que real, enaltecendo mais os feitos do passado do que a própria realidade.

Além do período da Grandes Navegações, a valorização por parte da sociedade lusitana também ocorre pelo período colonizador da nação portuguesa, em que Portugal teve o domínio de diversos territórios. Nessa ocasião, a economia do país estava em ascensão, o que os tornou promissor perante, inclusive, os demais países europeus, inversamente apresentado nos anos finais do século XIX e durante o início do século XX. O professor e filósofo Eduardo Lourenço dissertou sobre tal apropriação fantasiosa e complexo de superioridade:

Os Portugueses não são o único povo que se sente desconhecido, mal conhecido ou decaído do antigo esplendor, real ou imaginário. De algum modo, é o caso de toda a gente e, hoje, até daqueles povos e culturas que, durante séculos, os outros olharam como faróis do mundo. Mas o que surpreende, nos Portugueses, é o facto de parecer terem decidido viver como os cristãos nas catacumbas. Não porque pese sobre eles qualquer ameaça efectiva, mas porque não suportam ser olhados por quem ignore ou tenha esquecido a sua vida imaginária. (LOURENÇO, 2018, p. 89)

Assim como Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço defende a ideia de que os portugueses vivem isolados em um mistério particular e não possuem consciência de tal fato, apesar de estarem inseridos em um mundo comum aos demais territórios. Os países vizinhos, mesmo estando tão próximos geograficamente, parecem não se conhecer, em especial Portugal, pois vive em uma contemplação de si mesmo, sendo alheio ao que lhe é exterior. Tal saudade se constrói em cima de um mito, e faz com que os portugueses se sirvam de certa melancolia do passado, desmotivando-os ao futuro incerto, como abandonados, e fazendo-os retornar na lembrança de país marítimo.

Não há do que negar que Portugal tenha sido um país expansionista bem-sucedido ao seu propósito, pois ao que se esperava de um país marítimo, conseguiu alcançar o seu objetivo. Com novos territórios, o país também se tornou um grande colonizador, prosperando economicamente graças às terras e aos povos colonizados. Uma das questões ressaltadas por Eduardo Lourenço é o viés saudosista português por esse espaço de tempo.

Que tivéssemos merecido ser um povo, e povo com tablado universal, não se discutia. Interrogávamo-nos apenas pela boca de Antero e de parte da sua geração, para saber se éramos ainda *viáveis*, dada a, para eles, ofuscante *decadência*. Curiosamente, o exame de consciência parricida intentado ao “ser nacional” tinha lugar na altura mesma em que Portugal se religava, com algum êxito, a essa Europa, *exemplo de civilização*, cuja comparação conosco nos mergulhava em transe de melancolia cívica e cultural, tais como a obra de Eça os exemplificará para o nosso sempre. (LOURENÇO, 2016, p. 33)

Voltar-se ao passado, nesse caso, não é uma ação imparcial, visto que há emoções que chegam à tona ao sentimentalismo humano. A reflexão que se faz quanto a este contexto estudado é a de que essa retomada resgata não somente sentimentos e fatos reais da história da nação portuguesa, mas traz consigo a presença de feitos reais salpicados de heroísmo fantasioso, vangloriando-se exacerbadamente por parte de sua população lusitana, tornando-os melancólicos, nostálgicos e saudosistas (LOURENÇO, 2018).

Para os portugueses, a realidade atual do período concentrado neste estudo não é bem aceita, portanto uma alternativa é enaltecer o passado mais glorioso, já que a angústia de não continuar sendo a nação desejada faz com que esse sentimento de negação se faça presente.

O culto saudosista da terra ou o mito sebastico poderiam então surgir como consolação para quem nunca soube ou pôde fixar-se à terra e ali proliferar. Judeus errantes – eternos condenados a ter uma pátria que já não é, e a fazer dela uma miragem (o sebastianismo ou o Quinto Império) -, fomos peritos na construção duma pátria imaginária. A espera eternizada, em suma, do Senhor que nos radicasse definitivamente: eis o nosso delírio. Fomos, pois, um povo que viveu, desde os fumos da Índia, sob o peso duma imagem defunta. Um povo-sombra que atravessou

os mares, conquistou um efêmero império brumoso e se disseminou em busca da pátria imaginária. (VIÇOSO, 1999, p.39)

Os portugueses tentam resgatar o passado e se isolam perante os demais países, o que dificulta ainda mais sua relação econômica, ocupando o espaço de semiperiferia europeia (DE SOUSA SANTOS, 1985), levando em conta sua posição mundial. Esse período de transição de Portugal foi sentido duramente pela sociedade, já que em fases anteriores configurava-se como uma grande potência, detentora de diversas colônias, riquezas e com grande poder de comercialização, enquanto que na situação finissecular não se encontrava mais no centro, ficando à margem das demais nações europeias. Tal nomenclatura de semiperiferia, formulada por I. Wallerstein, mas não aprofundada, é considerada pois os dados do território não ficam totalmente em concordância nem com os indicadores de países de primeiro mundo, nem com os de terceiro mundo, transitando nesse espaço ora se aproximando de um, ora se aproximando de outro.

Segundo Boaventura, o conceito de semiperiferia requer certo cuidado, já que o intermédio que esse lugar ocupa é pouco definido e claro, fazendo-se valer de alguns critérios sociais, políticos, culturais e econômicos em comum para categorizar a nação nessa posição. Em suas pesquisas, o estudioso afirma que o conceito de semiperiferia engloba os países com algumas características semelhantes àqueles considerados centrais, ou, ainda, periféricos, justificando o uso do termo com teor pejorativo. Para tal análise do país lusitano fez-se necessária uma reflexão de sua posição durante o período colonial e a perda desse lugar, para que assim houvesse o entendimento histórico na nação ao longo do tempo e as suas condições do ponto de vista mundial no período observado.

Portugal ocupa esse lugar intermediário, estando em um entre-lugar, sendo um termo com significado negativo, uma vez que o distancia do ideal imaginário dos países de primeiro mundo, enfatizando a insatisfação de sua sociedade e justificando, assim, a fuga da população por essa realidade enfrentada, diferente da que era esperada de acordo com sua descendência. Apesar da desilusão, o patriotismo de seus habitantes não se apaga e os trabalhadores continuam com suas lutas diárias, inclusive no ambiente agrário em que se encontram, zona em que obtêm suas economias: “Empiricamente, o povo português é um povo trabalhador e foi durante séculos um povo literalmente morto de trabalho” (LOURENÇO, 2016, p. 156), diferentemente da parte populacional burguesa, que se mantém às custas dos operários lusitanos.

Assim sendo, o contexto histórico de Portugal no período de produção de *Portugal pequenino* é de constante descontentamento para a população agrária, já que eram

desvalorizados por aqueles que detinham o poder. Essa parcela empobrecida da nação era a que mais sofria com a crise que aflorava em Portugal, empobrecido não somente economicamente, como também politicamente, tendo passado pelos ideais liberais e, após, pela ditadura de Salazar. O ambiente que Brandão se dispunha a narrar apresenta marcas de um Portugal agrário, expondo a dificuldade que a população operária enfrentava nesse período. Com isso, na literatura do escritor português predomina o decadentismo, em que pode ser observado o pessimismo acompanhando a sociedade, visto que a desigualdade os assolava constantemente. A melancolia, portanto, assombra a população portuguesa, tomando-a como uma sociedade triste, havendo ainda a oposição entre o campo e a cidade bem agravada nesse contexto. Ainda, o saudosismo aparenta dificultar a saída dessa nação da crise, já que se assegura mais nas possíveis lembranças de um passado heroico que a impede de revigorar para traçar um melhor futuro.

1.2 Raul Brandão: vida e obra

Ter o entendimento de Raul Brandão como homem e cidadão português é fundamental para que se estude suas marcas literárias, assim como seu discurso e interesses de mote frequentemente trabalhados pelo autor em suas obras. Percebemos que ao fazer a análise da natureza de vida do escritor, podemos entender possíveis motivos de temas comumente retratados e sua visão reflexiva acerca do assunto abordado em questão. Portanto, nesse subcapítulo, trouxemos um estudo biográfico de Raul Brandão a fim de entender e fazer uma melhor análise da obra literária do presente trabalho, *Portugal pequenino*. Aqui nos preocupamos em não cometer o equívoco da anulação da interpretação do texto literário mediante apenas à concepção da vida do autor, pois entendemos que um escritor não se faz enquadrado em apenas um estilo de narrativa, ou ainda em temáticas determinadas, mas sim como uma construção de ideias e anseios que o motivem a produzir uma obra, tendo essas intervenções diversas. Entendemos então que o estudo da vida do autor é de suma importância para compreendermos sua escrita, porém não é determinante, como uma moldura fixa, para generalizar toda e qualquer obra do autor, já que o produto e o homem podem estar voluntária ou involuntariamente ligados entre si.

As experiências de vida do homem traçam grande influência no seu eu futuro, moldando cada um à sua maneira, o que não foi diferente com Brandão. Com sua vida

simples e obras com ênfase em situações e pessoas comuns de uma nação, vida e obra do autor encontram-se indissociáveis. Raul Germano Brandão nasceu em Foz do Douro, em 12 de Março de 1867, e morreu em Lisboa, em 5 de Dezembro de 1930 (PIRES, 2007, p.5), aos 63 anos. Além de escritor português, foi militar, jornalista e pintor. Descendente de família de pescadores, como seu avô, e filho de pequenos proprietários, aprendeu a lidar com a ausência e com os riscos proveniente desse meio, dissertando em algumas obras sobre esse panorama, como em *Os pescadores* (1923), carregado de memórias e sentimentos de saudades por sua infância. A vida marítima sempre o encantou “que parece ter recolhido na pupila azul (que conservou até a morte) o reflexo do mar que sempre o atraiu” (ANDRADE, 2002, p.22). Nota-se, portanto, interesse do autor ao levar temas pertencentes a sua vida particular para suas obras, como a vida à beira-mar, narrações que se passam em ambientes agrários, foco em pessoas comuns da nação e interesse na história de sua terra portuguesa.

Diferentemente das lembranças que carrega dessa época, mesmo possuindo episódios um pouco conturbados, mas ainda assim com sentimentalismo caloroso, o período escolar no Colégio de S. Carlos acaba marcando-o negativamente, já que possui lembranças de medo, castigos, aprisionamento de seu sentimentalismo exacerbado o que, de certo modo, despontou a sua timidez, tendo contato com as deformidades que a vida pode apresentar. Talvez por esses motivos, Brandão tenha submergido ainda mais para o seu eu interior, desligando-se dos adventos de fora e mostrando-se retraído, valorizando seu estímulo para o sentimentalismo.

Tais condutas de personalidade somadas a passagem de Raul Brandão pelo Curso Superior de Letras o influenciaram para sua carreira de escritor. Seu primeiro livro surge em 1890 – *Impressões e Paisagens*, mas em que ainda não é percebido o cunho sentimentalista do escritor, aproximando-se mais do realismo. Em seguida produz outras obras, como *Vida de Santos* (1891) e *Os Nefebalistas* (1891), este já podendo ser notado cunho misterioso e assombroso, marcas literárias do escritor. O Curso Superior de Letras foi abandonado pelo autor e aos 24 anos, em outubro de 1891, ingressa na Escola do Exército.

Conhecida a personalidade de Brandão, é esperado na obra que sua passagem pela carreira militar motiva horror por esse segmento de sua vida, porém entre transferências advindas de sua carreira militar, agrega funções em Lisboa e começa a escrever em jornais como o *Correio da Manhã* e a *Revista de Hoje* – e mais adiante em outros, quando retorna para Lisboa, como *Seara Nova*. Em 1896, Raul Brandão conhece Maria Angelina, casando-se no ano seguinte e com quem permaneceu até a sua morte. Sua esposa foi colaboradora em algumas obras do autor, incluindo a fonte de pesquisa do presente estudo, *Portugal pequenino*. O autor possuía grande apreço pela natureza, que, no geral, era transmitido em suas obras,

assim como o mistério da morte e o repúdio por injustiças sociais. A obra de Raul Brandão terá sempre atualidade, na medida que, com os seus traços desalinhados, caóticos, desconcertantes, mas de profundidade psicológica, toca os grandes problemas da existência do eu inconfessável (PIRES, 2007, p.10).

A partir de algumas de suas obras, podemos analisar Raul Brandão como um autor com narrativa que desenvolve apreço pelos miseráveis e seu sentimentalismo aflorado o permite se emocionar com delicadeza por questões que podem passar despercebidas pelos demais. Com cunho crítico, alimenta a problematização de questões da luta de vida das pessoas que ocupam as classes menos favorecidas da sociedade, contemplando com empatia esse povo, dando visibilidade justa, cor e vida a esses homens, repercutindo em suas obras essas condições humanas.

O sofrimento como uma forma de vivência é tematizado pelo escritor português, mas não como uma forma do mal, e sim de maneira problematizadora. Sob esse viés, observa-se certa inquietação que se faz presente em Brandão ao escrever sobre temas como a morte e Deus, nas quais traz reflexões de ordem moral, considerando pessoas que estão à margem da sociedade como suas personagens principais. A fim de trazer essas questões de forma crítica, o escritor apresenta compaixão pelos comuns, com reflexões morais sobre diversos comportamentos humanos.

Com um ideal antipositivista e pertencente a um estilo que vinha ao encontro do Simbolismo e do Impressionismo, a literatura brandoniana é marcada pelo sentimento de decadência do homem e compaixão pela condição dos miseráveis de uma sociedade. Bastante sensível em suas narrativas, apresenta essa parcela menosprezada da nação como protagonista de suas obras.

Entre todas estas confluências finiseculares, Raúl Brandão, emotivo, de uma sensibilidade quase exagerada, contemplativo, sem grandes apetências para a erudição nem para uma vida de <glórias> sociais, é um exemplo muito pessoal na Literatura Portuguesa, abrindo, sem o saber, caminhos diversos para a prosa moderna. Brandão, no trânsito do século XIX para o século XX está, afinal, como disse Vergílio Ferreira, <no limiar de um mundo> (Espaço do Invisível II, 1976). (PIRES, 2007, p.6)

Transparecendo seu temperamento trágico diante da vida, sua apreciação entre vida e morte toca na narrativa à medida que disserta sobre essas questões. Conhecido pelo teor violento em suas descrições e pelo lirismo de sua linguagem, a vida dos humildes se torna algo heroico, e relata com cuidado sobre a importância das mãos calejadas dos homens e suas funções fundamentais para erguer toda uma nação. Ele traz esses indivíduos como essenciais,

e a sensibilidade do autor com seu temperamento contemplativo consegue fazer com que a sua narrativa transite entre homens pobres extraordinários até a revolta que essa conjuntura pode lhe causar, trazendo toda obscuridade a dessas questões.

Ao ser intérprete de um povo subalternizado, dá voz a todo sofrimento potencial dessas pessoas que diariamente são caladas apenas pela posição que ocupam em uma sociedade. Ao articular tais sofrimentos, de mesmo modo anuncia os sonhos presentes nesses sujeitos, muitas vezes esquecidos.

Percebe-se, afinal, que o autor apresenta grande capacidade de questionamento, enraizada por sua meditação e interpretação do eu *versus* o mundo, sendo alguns de seus temas recorrentes, além dos oprimidos, a busca de sentido da vida e a morte. Embarçam-se questões aprofundadas a partir de emoções provocadas pelos pobres e miseráveis, tendo simpatia por suas dores e lutas, além da admiração por demandas da natureza e sua contemplação, sendo descritivo e observador perante o ambiente. Isto posto, analisamos que o espaço-tempo o fascina, já que é possível perceber que o autor problematiza diversas questões sociais tendo em vista o (entre)lugar a que as pessoas estão expostas em relação a questões históricas pelas quais perpassam a nação portuguesa.

Podemos então analisar Raul Brandão sob duas facetas: a que possui complacência aos miseráveis, do mundo da dor e dos excluídos, do eu histórico problematizador e crítico.

As suas crônicas e ficções fantásticas, dispersas por jornais e revistas (1893-96), ou mesmo certas páginas de História d'um palhaço, tematizam redundantemente a indignação social, a degradação da mulher, a prostituição juvenil, a caridade enquanto hipocrisia burguesa, a crise moral das classes dominantes, o poder corruptor do ouro, e fazem-nos penetrar na misteriosa abjeção da noite lisboeta. (VIÇOSO, 1999, p. 209)

A outra faceta é de um autor atento às paisagens, do indivíduo pertencente ao ambiente, atento ao meio em que está inserido, sensível à natureza, às cores e sons que o envolve.

A paisagem interioriza-se, torna-se a expressão duma absorção íntima e participa da rede de símbolos que dizem o mundo como enunciação dum sujeito num exorcismo de desocultação – o exterior é uma topografia mental, um objeto assimilado por um subjectivismo envolvente. A perda de referências no universo exterior (a cultura e a História) precipita o movimento para o *eu* ou para a natureza profunda o esforço de reinvestimento semântico – quando a paisagem social seca/degrada o corpo da palavra, o regresso à subjectividade individual e à natureza formaliza e dá conteúdo à renovação simbólica da linguagem. (VIÇOSO, 1999, p. 355)

As duas facetas se interligam de forma intrínseca à medida que Brandão, explorando a sua percepção, combina questões interiores e exteriores ao eu, entendendo que ações políticas e o meio interferem tanto direta, quanto indiretamente no homem. Tudo isso ainda integrado por suas experiências de vida, que permeiam suas narrativas e dão mais sensibilidade ao que é exposto em suas obras.

Diante da situação portuguesa durante a produção de suas obras, Brandão assume uma reação antipositivista, influenciado por uma atmosfera de pessimismo e de decadência profunda. Com seu temperamento trágico, trabalha com questões que afligem a sociedade portuguesa finissecular, salientando a condição empobrecida da nação e a desesperança o acompanha na maioria de suas obras, salvo, mesmo que duvidoso, o desfecho da obra *Portugal pequenino*.

1.3 O decadentismo português e outras reverberações literárias

A literatura de Raul Brandão tem forte interesse sobre a temática da vida das pessoas do povo, principalmente dos miseráveis, além da preocupação com questões sociais. Com essas situações, Brandão foi densamente influenciado pelo Decadentismo europeu, em que expunha seu sentimento trágico e de reflexão perante a vida, fato que contribui para que suas obras sejam impregnadas do teor caótico da existência humana. Estando inserido nessa corrente artística, nota-se em suas escritas uma atmosfera trágica diante do mundo e com marcas de pessimismo com base na realidade vivida, com a impossibilidade de uma interferência capaz de mudar o futuro.

A predominância da descrença no progresso e do pessimismo acompanham as obras do autor português, expondo o cansaço do povo diante de suas possibilidades - ou a ausência delas. Brandão narra sobre figuras mortas-vivas, salientando a falta de ânimo dessas pessoas ao construir o futuro do país, além de ressaltar o ambiente degradado e a dominação do tédio. Tais condutas poderiam se originar do fato de haver um sentimento de não pertencimento do homem ao meio, gerando uma crise moral e dor profunda (VIÇOSO, 1999, p. 25), recorrente nas obras de Brandão, em que expunha de forma metafórica suas rejeições quanto a organização social e econômica finissecular.

— Não te cabe nesse caco que foste sempre explorada e que ninguém teve pena de ti. Escuta o que te digo. Rouba-a, estúpida! Rouba-a! Na cadeia também se come pão. Ao menos lá enches essa barriga. Abres-me devagarinho a porta...
 — O que havia de dizer a minha senhora!
 — Ninguém no sabe. E ouve: se não nos abres a porta, a tua filha...
 — Senhor ladrão, vossa senhoria... Assim Deus me ajude... Como a terra está fria!
 — Que me importa a terra! O que nos importa é o dinheiro do estafermo. Ouve! Ouve! Ouve! Ela é rica, tu és pobre...
 — O Senhor fez os pobres para servirem os ricos, e os ricos para ajudarem os pobres... (BRANDÃO; REYNAUD, 1981, p.122)

Ao fazer a relação dos ricos com os pobres, a narrativa de Brandão evidencia a dependência dos pobres para com os ricos, ao qual devem servir e satisfazer os desejos, enquanto os ricos não possuem obrigatoriedade nenhuma para com os pobres, fazendo um favor ao ajudá-los, como por exemplo empregá-los em trabalhos exaustivos em troca de uma mísera remuneração.

Esse é um dos exemplos que dão força à descrença no progresso, que acarreta o desânimo vivenciado nesse movimento, ambiente tenebroso tão evidenciado por Raul Brandão em sua literatura. O momento de descontentamento, portanto, é acarretado principalmente pela situação empobrecida em que se encontrava Portugal no fim do século XIX e início do XX, sendo agravado ainda mais pela dívida que a nação possuía com a Inglaterra. Entende-se que na conjuntura em que a mudança é uma necessidade constante, a realidade de Portugal em estar estagnado significa ser deixado para trás, já que é preciso algum movimento para haver alguma transformação. *Portugal pequenino*, assim como *Húmus*, do mesmo autor, é construído a partir desse viés, pelo qual o país lusitano apresenta uma conjuntura um tanto quanto decadente, com o processo de industrialização atrasado e arcaico, apresentando ainda um território agrário e a uma sociedade classista, longe de um otimismo em relação ao futuro, e, de igual maneira, distante de seu passado expansionista.

As ideias decadentistas possuem a obstinação pela imagem trágica, revelando cada vez mais um ambiente degenerado longe de conceitos positivistas, ou ainda, a contar do país lusitano distante de seus feitos heroicos. A visão pessimista brandoniana vem associada a profunda nostalgia de séculos passados com a ilusão arquitetada de um possível presente/futuro estruturado industrialmente, tecnologicamente, cientificamente e ainda socialmente.

O escritor decadente, que reage frontalmente contra o utilitarismo burguês (o seu lema é o de que só o inútil é belo) e que pressente o caráter factício da sociedade urbana (Paris é a cidade-*maquillage*), sabe, por outro lado, nascido numa época crepuscular, que não pode escapar ao envolvimento nevropata da grande urbe e faz disso a raiz da sua estética. Aliás, tanto nos prosadores naturalistas como nos

decadentistas sobressai uma mesma fascinação ambígua pelo pútrido, pela corrupção e pela doença, ainda que o ponto de vista seja diferenciado. (VIÇOSO, 1999, p.30)

Durante as passagens dos capítulos em *Portugal pequenino*, a situação decadente portuguesa é fortificada com contextos que exploram a ideia de um ambiente agrário e degradado. Mesmo sob essa conjuntura, é nesse ambiente que as personagens encontram sua maneira de sustento à sombra de condições desanimadoras. É intensificada também, nessa circunstância, a atmosfera de uma industrialização tardia, sendo as personagens da obra incansáveis trabalhadores da terra, ou ainda, que dependem dos animais para sobreviver. A ideia de morte e vida é comumente trazida pelo autor em suas obras, transparecendo a linha tênue que existe entre essas duas conjunturas, como acontece nos primeiros capítulos de *Portugal pequenino*.

Ali adiante na estrada, ao pé da igreja, fica uma casa de lavoura. Tocam-se o cemitério e a eira. Mas ninguém tem medo: mortos e vivos, todos se conhecem. Os vivos cavam e lavram, e os mortos, estendidos uns ao lado dos outros, não tiram os olhos do céu, e esperam. Sabem quando seca o milho e ouvem-no malhar do fundo das covas. Ao domingo escutam as conversas do adro. E quando toca a defunto, perguntam uns aos outros num sussurro: Quem morreu? Quem morreu? E se é uma criança dão um jeitinho para lhe dar lugar ou para pegar nela ao colo. Estão ali os lavradores, os jornaleiros, os carpinteiros de carro e os pedreiros de socalcos. Foram eles que moeram a pedra e o salão, que plantaram as árvores, que minaram as águas, foram eles com as mãos duras e enormes que ergueram as paredes e afeiçoaram o lajedo. Ninguém dá pelo cemitério dos cavadores: é um pequeno espaço, à sombra da igreja, que todos calcamos ao sair. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.10-11)

A morte traz, em suas obras, além da percepção obscura e degenerada do ambiente, a reflexão do eu. O mesmo lugar em que estão enterrados os mortos, é o local em que os vivos encontram a lavoura, do qual lavram e obtêm os alimentos necessários para sobrevivência. Os que ainda estão vivos parecem ter a consciência de que ali mesmo, ao pé da eira, no cemitério, estarão enterrados seus corpos quando estes não possuírem mais existência, como o ciclo contínuo da vida, aproximando as ideias de morte e vida, cemitério e eira, alimento e degradação.

Tal conduta literária remete ao decadentismo de Brandão. Observaremos mais adiante que, em especial, a obra *Portugal pequenino* difere-se das demais obras do autor por sua remota sensação de esperança na conclusão de sua narrativa, porém, no decorrer de seus capítulos, fica claro o cunho tenebroso nas passagens apresentadas, remetendo-se, principalmente, ao momento histórico-político português em que a trama se ambienta, ao final do século XIX e início do XX. Nota-se a atenção que o autor se dispunha em refletir sobre uma atmosfera psicológica e moral da época, apresentando um quadro mental de juízo

valorativo em decadência, com um conjunto de ideias pessimistas de uma época terminal sem chances de elevação e relativizando-se a um Portugal expansionista.

O protagonista de *Portugal pequenino*, Russo de Má Pelo, configura-se como um jovem menino praticante de diversas maldades antes de passar por várias transformações nos capítulos, sendo temido pelos indefesos animais que naquela terra viviam “Lá vem o Russo de Má Pelo!” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.11). Já em seguida, quando metamorfoseado, constitui-se como fracassado, opondo-se à sua posição de poder anterior à medida que vai sendo maltratado pelos seres da terra “Que morra! Que morra!” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.207), repetindo as mesmas destrezas que antes este praticava. Percebe-se, de certo ponto, o valor decadente que o autor exprime ao representar um ciclo tedioso em que não há conduta de progresso, mas a composição de um ambiente que explora os trabalhadores e retrata a situação de descontentamento perseverante entre esse meio.

Também em busca de representar os sentimentos humanos e em reação ao impressionismo, uma das vanguardas de bastante notoriedade no mesmo período é o expressionismo, que além de sua aparição na literatura, também teve expressão na pintura, na música, no teatro e em outros movimentos artísticos. Enquanto o impressionismo, principalmente por meio da pintura, buscava a impressão de um objeto real atendendo o ponto de vista do artista, o expressionismo propagava as angústias do homem com medo e o terror, exteriorizando os sentimentos do indivíduo.

O expressionismo é o movimento de arte do século XX, embora com raízes várias resgatáveis em toda a história da arte, que melhor consagra a subjectividade do sujeito. Tal sujeito assenta numa afirmação de vitalismo, em geral desesperado e angustiado, movido pela *vontade* (Schopenhauer) ou pelo *espírito dionisíaco* (Nietzsche). Mais que o inconsciente profundo e psicanalítico, sobretudo na sua fase inicial, o expressionismo explorou a inconsciência rude e bárbara, num encontro com um sujeito animal e sem história. (DIAS, 2012, p. 148)

A tradução da subjetividade do homem é tida a partir do sujeito angustiado, aflorando seus sentimentos mais dramáticos. De acordo com o panorama geral do início do século XX em Portugal, o expressionismo manifesta o ambiente de incertezas compreendido nesse período, em que a nação portuguesa está em posição desfavorecida perante grandes potências europeias em processo de avanços tecnológicos, o que gera ainda mais o medo da incerteza do futuro. O expressionismo traz, nesse momento cheio de improbabilidades, essa visão emocional e subjetiva da realidade, explorando o sentimentalismo do sujeito em relação ao meio e sua exteriorização de emoções.

O expressionismo atravessou a arte do século XIX e XX, e as suas qualidades de subjetividade e de espontaneidade, assim como as suas críticas à situação social foram típicas nas obras de uma vasta gama de artistas, não só na literatura, como em Raul Brandão – que também foi pintor-, mas também em outras expressões artísticas, como na pintura de Vicent van Gogh e de Edvard Munch, além do cinema, da música, do teatro e da dança. Os artistas desse movimento artístico procuravam expressar as emoções subjetivas e as respostas que os objetos e as ações poderiam despertar dentro das pessoas, explorando, algumas das vezes, cenas violentas. Com o predomínio crítico da emoção sobre a razão, a partir de um mundo pleno de contradições, os artistas expressionistas buscavam uma forma de manifestar seus gritos internos diante de uma realidade tão difícil, expressando visões subjetivas de um mundo ameaçador.

Raul Brandão adquire influência do decadentismo ao apresentar uma literatura com teor trágico, impregnada de pessimismo ao observar a situação portuguesa finissecular comparativamente com sua época expansionista. O país agrário, explorador de seus trabalhadores, faz com que o autor reflita sobre diversas questões humanas e assuma postura cética perante o rumo do país. Assim como o decadentismo, o movimento expressionista traz a percepção angustiante do artista, externalizando suas emoções desenvolvidas por uma realidade ameaçadora. Por isso, situações de medo são representadas nas obras, as quais também podem transmitir impressões de terror, caso frequente em momentos violentos, em suas variadas facetas, como analisado no capítulo seguinte.

2 A VIOLÊNCIA MULTIFACETADA

A violência é uma prática que está marcada na sociedade de todos os povos e determina situações de poder em diversos contextos. Raul Brandão, em sua obra *Portugal pequenino*, traz o ponto de vista dos comuns e suas dificuldades diárias a partir da interação presente entre as personagens. A violência se instaura de diversas maneiras, estabelecendo um ambiente de medo, submissão, intimidação, negligência e demais atmosferas sombrias que esse conceito carrega. De maneira geral, o termo violência está associado à intencionalidade de seu praticante que tem como objetivo ferir o próximo através de diversos mecanismos de poder. Tal ideia é preconizada por Foucault, como salientado por Vladimir Safatle:

Se não houvesse resistência, não haveria relações de poder. Pois tudo seria simplesmente uma questão de obediência. Desde o momento em que o indivíduo está em situação de não fazer o que ele quer, ele deve utilizar relações de poder. A resistência vem, pois, primeiro, e ela permanece superior a todas as forças do processo, ela obriga, sob seu efeito, à mudança nas relações de força. (FOUCAULT, 2019, p.16)

As relações históricas também são trazidas por Brandão sob o viés das personagens da região periférica, compreendida como áreas mais distantes de um núcleo metropolitano central, em que se encontram uma população de renda mais baixa. Nesse contexto, analisamos como a violência se torna presente no cotidiano das personagens e quais são as formas de resistência que essas encontraram para sobreviver na clausura do viés de sujeitos subalternizados. Mais que entender as possíveis causas de atos violentos, se essas existem, analisamos os meios em que tais ações se configuram e as transfigurações desses atos para o desenrolar da narrativa.

Em uma sociedade utópica, todo homem deveria estar no mesmo estado de igualdade, assim como possuir completa liberdade, essa quimera levaria a não existir relações de poder. Contudo, a realidade é um tanto quanto divergente dessa ideia. Segundo a linha de argumentação de Rousseau, o soberano não se configura como um indivíduo com interesses individuais que se sobrepõem aos interesses de demais pessoas. Diferente disso, o filósofo entende como soberano a representação de um grupo que expressa as necessidades coletivas a fim de um bem comum, que poderia estar em acordo em assembleias, junto ao poder político, para que fossem atendidos os princípios democráticos. Para tanto, o contrato social deveria garantir a vontade geral do povo em que o soberano está inserido, buscando o bem-estar comum.

Rousseau ainda defende os valores da vida natural e ataca os vícios da sociedade civilizada. Nesse estado de natureza o homem possui ampla felicidade, pois é considerado livre. Esse homem conseguiria recuperar a sua liberdade com o Estado justo, aquele que segue a vontade geral de seu povo. A teoria do filósofo acerca das relações humanas potencializa nossos estudos sobre as formas violentas presentes em uma sociedade, visto que o estudioso analisa interações sociais sob um Estado maior, criticando o poder absoluto da monarquia, em que a sociedade no geral não possuía o poder de escolha de seus representantes.

2.1 Uma questão de violência

Entender inicialmente o que é violência e quais ações podem configurar-se como violentas é essencial para o nosso estudo. De modo geral, a violência seria a contradição entre a paz, e as ações que violam esse sentimento podem ser consideradas manifestações de violência, as quais possuem diferentes práticas que se subdividem em outros tantos grupos, como violência física, econômica, política, psicológica, doméstica e tantas outras, podendo um mesmo ato violento estar inscrito em mais de uma dessas subdivisões simultaneamente.

Podemos entender por violência todas as formas de manifestação negativa que tem por objetivo ferir o indivíduo, inclusive, a sua forma mais singular e imperceptível, incrustada nos relacionamentos e nas pequenas atitudes socialmente aceitas e tradicionalmente difundidas. Dessa maneira, todas as violências (direta, estrutural ou cultural) que geram consequências desastrosas para indivíduos, comunidades, grupos e ao planeta como um todo, são objeto de transformação para as ações em responsabilidade social. (CABRAL, GOTHARDO; MURBACK, 2014, p. 4)

Segundo os estudos de Johan Galtung a partir dos anos 60, é possível estruturar a violência em três grandes grupos: violência cultural, violência estrutural e violência direta. Entende-se por violência direta aquela em que é de fácil identificação seus agressores e suas vítimas, como em uma agressão (violência física) ou um xingamento (violência verbal). Na violência estrutural, também nomeada pelo sociólogo de violência indireta, há o sofrimento das vítimas por desgraças, fome, injustiças sociais e em último caso a morte. Nesse tipo de violência, apesar de serem visíveis as vítimas, os causadores não são facilmente identificáveis, estando mascarados em estruturas sociais sob a fachada de instituições, como o Estado. Por fim, a violência cultural é a forma mais sutil de violência, em que tanto agressor quanto vítima são de difícil identificação. Nesse caso a violência está impregnada nos hábitos

populacionais, estando presente no cotidiano da sociedade sem que seja percebida, como através de músicas, cantigas populares e expressões, que são aceitos culturalmente e reproduzidos de forma impremeditada.

Pensar a violência, ou melhor, pensar em uma estrutura social sem que a violência esteja impregnada é, talvez, uma forma utópica de enxergar uma sociedade. Primeiramente pensar na violência em sua forma física é possível remeter a infinitas ocasiões, já que se associa à ideia de agressão, seja qual for a intensidade. Essa categoria da violência, sendo de forma escancarada, em um contexto histórico, é passível de encontrar cenários em diversas ocasiões, em vista de guerras e batalhas que configuram lutas de conquista de poder e de território ao longo da História. De forma pejorativamente democrática, ela está presente no histórico da quase totalidade de nações, independente da condição econômica e política do meio em que se instaura.

Não só a violência física, mas outras maneiras de concepção desse ato assombram a história da sociedade, como a violência econômica, política, psicológica e tantas outras passíveis de brutais consequências. As sequelas dessas situações são as mais diversas possíveis, visto que existem variáveis que influenciam em cada meio, como a maneira de interação entre as pessoas, as modificações realizadas no espaço, os costumes e os modos de vida. A concepção que cada um faz de mundo está diretamente ligada à maneira com que o indivíduo interage com o meio, o que é resultante de infinitos fatores, inclusive da violência com a qual se configura. Todos são passíveis de atos violentos e de suas decorrências, já que a violência está presente multifacetada e globalizada, independentemente do contexto histórico.

As formas específicas de violência estão presentes, em maior ou menor intensidade, em todas as regiões do país e nos diversos grupos sociais (Dados, 1985; 1990). Perpassam as várias fases da vida e se instauram nas mais variadas relações humanas. Juntos, os diversos tipos de violência constituem uma rede intrincada e complexa, na qual todos (cada um a seu modo) são vítimas e autores a um só tempo (Boulding, 1981; Domenach, 1981). Tal como numa epidemia, todos são afetados pela fonte comum de uma estrutura social desigual e injusta, que alimenta e mantém ativos os focos específicos de violência, os quais se expressam nas relações domésticas, de gênero, de classes e no interior das instituições. (MINAYO; SOUZA, 1993, p. 65-66)

A violência pode estar tão infiltrada em um ambiente, que conviver com ela se torna algo cotidiano. Sobreviver a todas as calamidades e permanecer resiliente, do mesmo modo que é uma forma de potência, também é um meio de sofrer as adversidades de viver, já que a existência de muitas pessoas coexiste ao padecimento com a violência. Em uma esfera mais ampla, como a história de um povo, ou em um campo mais restrito, como a vida de um

indivíduo, é muito provável que haja infortúnios provenientes de ações violentas. Tais práticas moldam o enredo de um povo, de uma nação e formam um ser contaminado de abalos. Paradoxalmente, cada indivíduo é múltiplo e aflora de maneira particular a partir de infinitos fatores. Com base em experiências e consequências, os traços de personalidade existentes em cada um podem despontar ou adormecer, moldando cada ser como único em uma soma ou retração de presenças, assim como traçar a história de uma nação e de um povo, que vai sendo formada ao longo do tempo.

Tendo como referencial o indivíduo e levando em conta que ninguém é como o outro, mesmo sob uma mesma prática violenta, as consequências que se farão presentes são imprevisíveis, visto que a forma como cada um reage é diferente. De mesmo modo acontece em relação a uma nação, que enfrenta ações violentas ao seu modo, afetando o povo de diversas maneiras. De certo modo, entende-se que ao praticar a violência, aquele que é alvo da ação, ao mesmo tempo que sofre, será capaz de também produzir a violência. Em um ambiente hostil, essas ações tornam-se elementos cotidianos e aqueles que sobrevivem a essas práticas também a provocam, principalmente pelo fato de transformá-la como um hábito, formando uma rede de conformismo. As relações entre os homens ficam impregnadas por modelos violentos de imposição de poder e força, naturalizando a violência na vida cotidiana (ODALIA, 2017).

O conformismo, então, integra-se como prática violenta a medida em que se habitua com essa maneira de interagir dos homens. As condições de vida em uma sociedade se tornam encharcadas por essa maneira de relação, produzindo e reproduzindo hábitos de um viver violento. Habituar-se com essa maneira de convívio também se configura como um modo de sobrevivência. Se um indivíduo é posto em contato com práticas violentas ao longo de sua formação, poderá apresentar interação desse mesmo modo, na insistência dessas ações como maneira de adquirir seus anseios, ou só apenas como maneira de um convívio impregnado. É importante salientar que tal situação não se configura como regra, posto que o meio não é determinante para designar as ações do homem, havendo maneiras de se adaptar ao ambiente, modificando ou ressignificando os hábitos. Assim, conviver com a violência e habituar-se com a mesma é um fator importante para a prática do ciclo violento, no entanto não é a única condição para determinar um ambiente como hostil ou um indivíduo descomedido, pois há um hiato entre ser um fator importante e ser determinante.

Ao longo da história da humanidade, esses modos de violência configuraram não só questões de poder, mas a luta por sobrevivência. Segundo Butler (2019), para que haja a sobrevivência do “ser”, este tem que contar com o que lhe é exterior, ou seja, ele está

vulnerável a outros fatores que são inerentes a sua vontade. Então, a violência caracteriza-se como uma condição básica da própria sobrevivência do homem, na medida em que a capacidade do indivíduo em produzir a violência e aprender a lidar com ela o capacita na qualidade de sobrevivente.

O fato de o corpo invariavelmente se defrontar com o mundo exterior é um sinal do predicamento geral da proximidade indesejada dos outros e das circunstâncias que estão além do nosso controle. Esse “defrontar-se com” é uma das modalidades que define o corpo. E, no entanto, essa alteridade invasiva com a qual o corpo se depara pode ser, e com frequência é, o que anima a reação a esse mundo. Essa reação pode incluir um amplo espectro de emoções: prazer, raiva, sofrimento, esperança, para citar apenas algumas. (BUTLER, 2019, p. 58)

Essas emoções pelas quais o homem reage também é uma forma de organização individual do ser ao que lhe é externo. De certo modo, as práticas violentas estabelecem maneiras de convívio social, organizando, ou melhor, estabelecendo modos de civilização. No processo civilizatório, o temor rege grande parte desses entrelaçamentos. Enquanto há um dominador, que por meio da violência destila seu poder, o dominado acaba moldando a sua vida sob as rédeas desse sentimento, assim como das demais emoções citadas anteriormente.

Viver sob essa forma de domínio é estar em conformidade com as diretrizes trazidas pela violência. A notoriedade da violência na estrutura organizacional de determinado grupo ou civilização nem sempre é de fácil identificação, já que seus atos podem já estar enraizados, sendo habitualmente praticados, quase que como atos naturais, o que não deixa de se configurar como feitos violentos. Percebê-los como atuações violentas demanda do homem a observação e a distinção do que é natural, como algo rotineiro na ordem das coisas (ODALIA, 2017) partindo do pressuposto de que ao estar em contato com atividades violentas de forma cíclica, o homem habitua-se com elas.

Práticas violentas de ordem física, como agressões e até tirar a vida do próximo, são claramente identificadas como feitos violentos, porém, algumas abordagens de diferentes modos de violência podem estar mascaradas e serem apresentadas de maneira sutil, afetando silenciosamente o oprimido, por exemplo a violência de ordem psicológica. As consequências apresentadas a partir de práticas violentas não são diretamente ligadas a maneira das ações, ou seja, não quer dizer que ao se praticar a violência física o resultado seja mais nocivo do que a consumação da violência psicológica. O que se pretende mostrar é que independente da ação violenta, velada ou evidente, as sequelas são inevitáveis e haverá sempre um lado mais afetado. O lado mais fraco, o do subalterno, é tido em relações de poder e força. Na

construção de toda história da humanidade essas construções são desiguais com sujeitos convivendo em uma sociedade classista.

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito.

Nas épocas anteriores da história, em quase todos os lugares, encontramos sociedades estruturadas em vários segmentos, em uma hierarquia diferenciada das posições dos indivíduos. Na Roma antiga, temos patrícios, guerreiros, plebeus e escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassalos, membros de corporações, artesãos e servos; além disso, em quase todas essas classes, novas subdivisões. (MARX, 2008, p.8-9)

A subalternidade entre os povos é um dos efeitos das ocupações coloniais, em que se observam maneiras de se viver distintas se notado grupos dominantes e seus dominados. No cotidiano desses povos transparece a violência realizada/sofrida por eles e as sequelas ficam marcadas nas suas formas de convivência. Essas desigualdades podem ser observadas a partir de vários vieses, inclusive sobre a rememoração que se faz presente no cotidiano de uma civilização. Os elementos que as práticas violentas trazem para os homens estão diretamente ligados a relação desses povos com a sua cultura, que conta a história de sua gente. A relação de poder nas ocupações coloniais reforça uma visão etnocêntrica, em que o conquistador impõe poder aos conquistados, calando não só suas vozes, mas também abafando sua cultura, acreditando, desse modo, ser superior às demais civilizações. Um dos efeitos da ocupação colonial pode ser percebido através dos mecanismos de dominação que resultaram em novos processos de subalternização, que devem ser analisados em cada caso particular, em que uma cultura se impõe sobre outras.

A negação de uma cultura para a sobreposição de outra ocorreu ao longo da História como forma de imposição de poder, menosprezando grupos e negligenciando sua trajetória. Grupos dominantes realizam práticas discriminatórias com o apagamento cultural do oprimido, fomentando a quebra da identidade de seu povo, despindo-o de suas riquezas imateriais para impor valores e maneiras que não possuem propósito àqueles para os quais são impostos. Ocorre por parte da camada dominante certo desprestígio pela tentativa de manutenção da cultura, julgando a identidade das camadas populares, como se não possuíssem valor. Seguindo esse raciocínio, a identidade cultural de um povo pode ser violentamente apagada por meio da sobreposição cultural, ou ainda da obtenção de uma identidade cultural resultante de influências de diversificadas rememorações culturais de

diferentes origens. Principalmente para os oprimidos, faz-se indispensável um lugar para que a história de um povo não seja violentamente massacrada, em que as suas formas de resistência sejam revividas e a manutenção de sua cultura seja praticada.

As oligarquias comandantes reinventam as maneiras com as quais dificultam o caminhar livre do povo subalterno. Os espaços de prestígio são dominados pelas classes que ocupam o poder, que ditam as regras as quais devem ser seguidas naqueles ambientes, e aqueles que não fazem parte da mesma ordem sociocultural dominante, não são bem-vindos. São espaços discriminatórios que materializam a vitória dos dominadores, vistos como vencedores. Há do que se desconfiar desses povos vencedores, não apenas pela maneira violenta que chegaram ao poder, pelo uso de sua força, mas também do cunho verídico pelo qual essas histórias são transmitidas. A história pode ser transmitida favorecendo um ou outro lado, principalmente se levado em conta episódios de conquistas de poder, ou, ainda, de território, em que a maior parte priorizada geralmente é a da parcela vencedora, que pode fantasiar acontecimentos ao seu favor com o enaltecimento de feitos como grandiosos.

Toda história de dominação traz consigo passagens de violência, porém a forma como é contada pode velar ou exagerar nos fatos. Esse olhar, apesar de possuir consciência sobre a história passada, não assume seu erro, o que pode acarretar em falhas que poderiam ser evitadas, mas que não são por não haver esse interesse. Como fato, a história só pode ser citável e lembrada, assumindo seus erros passados, quando se tem uma humanidade redimida (BENJAMIN, 2012). Benjamin sugere que desconfiemos da história que nos é passada, pois ela pode ser apenas uma versão, ou parte dela, além de poder apresentar um só ponto de vista.

A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece propriamente uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialista histórico. Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. (BENJAMIN, 2012, p. 244)

Aqueles que estão em uma posição dominante geralmente são os que, no passado, ocupavam a categoria de vencedores da história, herdeiros dos privilégios que os vitoriosos podem usufruir. Estar à margem dessa realidade é ocupar o estado de exceção, e abandonar os hábitos, por vezes, é uma prática inevitável para as classes menosprezadas. Práticas como essa, que impedem o bem-estar, seja físico ou mental, do indivíduo, são configuradas como

práticas violentas. Portanto a violência está presente ao dificultar que uma pessoa exerça seu direito de manutenção da cultura.

Os desafios para que haja uma organização civilizatória menos violenta são muitos. A reivindicação de uma cultura de paz, pelo menos em um primeiro momento, iniciar-se-ia por meio do diálogo. Segundo Cabral, R., Gothardo, J. e Murback, L. (2014) em seus estudos, esses tipos de ações de responsabilidade social são instrumentos facilitadores para uma sociedade menos desigual, estimulando uma melhora na qualidade de vida das pessoas que podem ser tão prejudicadas por ações violentas.

Não há nenhuma prova científica que constate que a violência humana é proveniente de fatores biológicos, então, por não haver nenhuma carga genética que justifique a violência, talvez ela possa ser desconstruída. De fato, a violência é uma construção comportamental do homem e por esse motivo acredita-se que por meio de uma mediação é possível intervir nessas interações violentas a fim de evitá-las.

2.2 Violência econômica

A violência econômica na atmosfera macro é produzida quando uma nação se beneficia do seu poder econômico para subjugar outra aos seus interesses, que se inicia na violência através da força, como as nações europeias, que em seus processos de conquistas demonstravam, antes de tudo, sua força.

As grandes navegações têm início com o intuito da acumulação de riquezas dos recentes estados modernos europeus e a expansão da fé católica. O desenvolvimento tecnológico e a força fizeram com que alguns países europeus se tornassem especialistas em conquistar e dominar. Durante séculos, a relação das potências europeias e os demais povos do mundo se dá por uma relação de força e dependência econômica.

O Tratado de Tordesilhas, firmado em 1494, garantiu ao Império português e espanhol seus domínios além-mar, assegurando aos portugueses suas rotas ao oriente e aos espanhóis o seu recém-território descoberto, a América. A conquista desse novo território se dá principalmente pela capacidade tecnológica entre europeus e nativos, como cita Eduardo Galeano (2016):

Havia de tudo entre os indígenas da América: astrônomos e canibais, engenheiros e selvagens da Idade da Pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro e o arado, o vidro e a pólvora, e tampouco empregava a roda. A civilização que se abateu sobre estas terras, vindas do outro lado do mar, vivia a explosão criadora do Renascimento: a América surgia como uma invenção a mais, incorporada junto com a pólvora, a imprensa, o papel e a bússola ao agitado nascimento da Idade Moderna. O desnível de desenvolvimento dos dois mundos explica em grande parte a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas. (GALEANO, 2016, p. 35)

O desenvolvimento tecnológico e a força são primordiais para o início desse mundo globalizado, em que Portugal se destaca em relação as demais nações europeias, impondo os seus interesses do final do século XV ao século XVI, sendo, os portugueses, a maior potência marítima do planeta na época, cenário totalmente diferente nos séculos seguintes, em que novas nações ultrapassam o Império português, culminando em sua decadência.

O processo de conquista da América portuguesa ocorre por meio da colonização de exploração. Essa relação entre a metrópole, Portugal, e a sua colônia, Brasil, demonstra como o domínio de tecnologia influencia diretamente na violência econômica, já que o conquistador possui armas de fogo, e o conquistado não tinha domínio sobre essa tecnologia, possuindo apenas armas brancas. Mesmo sendo um problema de grande dificuldade, a colonização do Brasil, como retratado pelo historiador e geógrafo Caio Prado Jr. (2007) mostra o interesse, sobretudo econômico, em relação ao processo expansionista português.

Com sua população pouco superior a um milhão de habitantes e suas demais conquistas ultramarinas da África e Ásia de que cuidar, pouco lhe sobrava, em gente e cabedais, para dedicar ao ocasional achado de Cabral. Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche a sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. (PRADO JR, 2007, p.37)

A colônia de exploração era uma forma de colonização que tinha como característica a utilização de recursos naturais disponíveis na colônia em benefício da metrópole. Esses territórios eram utilizados como fonte de riqueza para as nações europeias. As metrópoles criavam mecanismos em que dificultavam ou impossibilitavam o desenvolvimento dessas regiões e assim os sustentavam de maneira econômica dependente. Essa relação de vínculo econômico reverbera até os dias atuais, onde países que foram colônia de exploração apresentam uma condição de economia fraca e de dependência das grandes economias globais. O Brasil, enquanto foi colônia, e mesmo após sua independência, ficou à mercê do capital estrangeiro, tendo, apenas, alguma autonomia nos meados dos anos 2003 a 2016.

A violência econômica também pode ser vista na relação entre nações europeias, como no caso de Portugal com a Inglaterra. Mesmo com o seu processo de unificação vir após o português, a elite inglesa conseguiu se sair melhor que a burguesia lusitana. Essa relação pode ser vista ao longo dos séculos em alguns acordos firmados pelas duas nações e a dependência econômica portuguesa perante Inglaterra.

A relação diplomática entre Portugal e Inglaterra remonta ao século XIV, com a aliança luso-inglesa, que foi formalizada com o casamento entre a princesa inglesa Filipa de Lencastre com o então rei de Portugal João I, conhecido também como o Mestre de Avis. Esse casamento estreitou cada vez mais os laços entre ingleses e portugueses, já que Filipa de Lencastre, enquanto rainha, fazia questão de promover casamentos entre as nobres, o que foi muito benéfico para ambas as coroas, já que os casamentos eram a melhor forma de aliança entre as nações nesse período.

Por algum tempo, a boa relação se manteve entre as nações portuguesa e inglesa, no entanto a Inglaterra desponta como um grande império, o que abala o entrosamento entre os territórios. Tamanha grandeza da Inglaterra, passa a ser conhecida como o império onde o sol nunca se põe, em função da quantidade de colônias espalhadas nos continentes, remetendo a ideia de que, em pelo menos uma de suas colônias, o sol estará iluminando, sendo dia. Antagonicamente, o império português inicia seu processo de decadência prendendo-se a um passado de quando era o maior império do mundo, com seus processos saudosista e memorialístico.

Essa discrepância entre os dois reinos pode ser vista em alguns tratados entre as nações portuguesa e inglesa. O primeiro que pode ser destacado é o Tratado de Methuen, que foi assinado em 1703, conhecido como o Tratado de Panos e Vinhos, visando o fortalecimento entre Portugal e Inglaterra. Essa relação enfraqueceu-se a partir do momento em que a Inglaterra optou por comprar as matérias-primas de suas próprias colônias, e não mais comprá-las em colônias portuguesas.

O Tratado de Methuen foi extremamente benéfico à Inglaterra, pois, com o aumento da produção têxtil, os ingleses tiveram todas as ferramentas necessárias para iniciar a sua Revolução Industrial. Com isso, os ingleses obtiveram tamanha produção que os portugueses não conseguiram acompanhá-los nem em relação aos preços, tampouco na quantidade de mercadoria produzida. Talvez o único ponto em que os portugueses poderiam se orgulhar desse tratado era a parte militar do acordo, no qual Portugal iria integrar a Grande Aliança junto com ingleses e austríacos, acreditando que assim poderia ter grande destaque no cenário europeu.

A produção e o consumo de tecidos ingleses pelos portugueses era bem maior que o consumo de vinho por parte dos ingleses. Essa relação acabou levando a um desequilíbrio na balança comercial de Portugal. Enquanto a produção de tecidos era uma produção fabril e de larga escala, a produção de vinho configurava-se como artesanal e em pequena escala. Por mais que o vinho tivesse maior valor de mercado que os tecidos, a quantidade de produção era infinitamente maior.

A violência econômica em relação a Portugal se intensificou no período das guerras napoleônicas, conflito da França liderada por Napoleão Bonaparte contra as demais monarquias europeias. As guerras napoleônicas resultaram entre o choque do ideário revolucionário francês e as demais monarquias europeias, que não desejavam o mesmo fim da monarquia francesa. Portugal, temendo o mesmo destino da monarquia francesa e da espanhola, optou por fugir para o Brasil, colônia essa que ainda mantivera a Coroa portuguesa com o seu ouro. Com apoio britânico, a corte portuguesa conseguiu chegar ao Brasil. Em troca, a Inglaterra obteve uma série de acordos que lhe trariam grandes benefícios, além dos portos de Portugal essenciais para a luta contra Napoleão e seu bloqueio continental, já que a Inglaterra ficou responsável por manter o território português.

Chegara enfim a hora de executar um plano que já se conhecia de cor, e de traçar, rapidamente, o procedimento operacional de uma gigantesca tarefa: mudar, da terra para o mar, tudo e todos que significassem a sobrevivência e a sustentação do governo monárquico a ser instalado no Rio de Janeiro. (SCHWARCZ, 2020, p. 210)

Outro fato referente à violência econômica sofrida por Portugal em relação aos interesses ingleses é o ultimato britânico de 1890, que resultou na perda de importantes territórios no continente africano de domínio português desde do século XVI. O desenvolvimento econômico vivido pelas nações europeias nos meados do século XIX fez com que essas nações se debruçassem sobre os continentes asiático e, especialmente, o africano. O imperialismo é o melhor exemplo de violência econômica nesse período, pois há a prática de diversas formas de agressão, sendo legitimado através da Conferência de Berlim 1884-85, em que potências europeias decidiram como seria a ocupação e a partilha da África, sem respeitar de forma alguma os povos que ali viviam.

Durante séculos, Portugal e outras nações europeias utilizaram da violência econômica para se desenvolver às custas das suas colônias e daqueles que ali viviam. As nações que mais utilizaram dessa prática de forma sistêmica, hoje ocupam uma posição global de destaque, inclusive submetendo diversas nações aos seus interesses através dessa faceta violenta.

A violência econômica também pode ser abordada de forma micro, não uma nação impondo a outra seus interesses, como abordado anteriormente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2002) estabelece violência, de maneira geral, como um problema global de saúde pública e que deve ser abordado e combatido. A OMS organizou as ações violentas em três grandes grupos: a violência contra si mesmo, a violência intrapessoal e a violência coletiva, que conseqüentemente estão divididas em outras naturezas, como a violência econômica.

A descrição de como se aplica a violência econômica, com base na Organização Mundial da Saúde, pode ser encontrado no site do centro estadual de vigilância em saúde do estado Rio Grande do Sul:

É o ato de violência que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens e valores da pessoa atendida/vítima. Consiste na exploração imprópria ou ilegal, ou no uso não consentido de seus recursos financeiros e patrimoniais. Esse tipo de violência ocorre, sobretudo, no âmbito familiar, sendo mais frequente contra as pessoas idosas, mulheres e deficientes. Esse tipo de violência é também conhecida como violência patrimonial. (CEVS, 2021)

violência econômica vai além da privação da renda do indivíduo, ela ataca em diversas estâncias e sobretudo na dignidade, já que pode estar acompanhada de outras formas de violência e que não se limita em locais mais esmos ou com pessoas com baixo nível educacional, é possível que ela esteja presente em todos os níveis e em todos os lugares.

2.3 Violência psicológica

A violência, em suas múltiplas facetas, acomete a vida da sociedade contemporânea assim como modelou toda a história da humanidade. Suas marcas, assim como suas práticas, nem sempre são visíveis em um primeiro momento, como teoriza o estudioso Galtung (2005) ao afirmar que a violência pode permanecer oculta por um determinado tempo. O uso da força, seja por meio físico ou psicológico, configura-se como uma prática violenta, já que é uma maneira de obrigar a vítima a fazer algo de forma imposta, privando-a de manifestar as suas próprias vontades. A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

A definição utilizada pela Organização Mundial da Saúde associa intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independentemente do resultado produzido. (OMS; KRUG; 2002, p. 5).

A ameaça é um dos meios que forma a violência, visto que há intenção do praticante em causar algum dano à vítima. Segundo a OMS, os resultados obtidos a partir de práticas violentas podem ser variados, desde aparentes, como lesões, e escondidos, como os danos psicológicos. Mesmo que não deixe marcas visíveis, todo tipo de violência marca para sempre a vida da vítima com a alteração de comportamentos ou qualquer outra maneira de prejuízo ao desenvolvimento pessoal.

A violência de ordem psicológica pode vir associada a algumas ações, como ameaças, assédio sexual, bullying e outras maneiras de intimidação. Os diferentes tipos de violência estão, muitas das vezes, interligados e as suas fronteiras podem não ser claras, à medida que em alguns casos um ato pode configurar vários tipos violentos concomitantemente. As consequências do abuso psicológico são variáveis, sofrendo influência de diversos fatores, como o contexto em que são praticadas essas agressões verbais e/ou emocionais. A qualquer nível em que esteja inserida, certamente haverá sofrimento, dor, redução da qualidade de vida ou ainda desvio dos direitos humanos.

As marcas deixadas pela violência psicológica não são aparentes e por isso a vítima pode sofrer silenciosamente, sem que o meio social perceba, já que é possível que o autor desses atos violentos a agrida de forma a não haver contato físico. O sentimento de derrota do ferido ocorre ao ser insultado e desqualificado pelo autor das agressões. Conseqüentemente, a vítima duvida de suas capacidades e se submete às situações de abuso pela própria desvalorização que lhe é feita, acarretando a baixa autoestima. O abusador, como nas demais variações de violência, obtém o controle das ações do ferido e prejudica a vida pessoal e a interação social da vítima.

O estudioso francês Pierre Bourdieu conceituou o termo violência simbólica para atos violentos na esfera psicológica. Com a finalidade de promover o poder, a manifestação do fenômeno da violência é como um processo de dominação que, segundo Bourdieu (1989), ocorre por meio de um poder invisível, quase mágico, capaz de obter o equivalente ao que é obtido pela força. Essa imposição ocorre de forma a não deixar marcas físicas na vítima, mas não menos prejudicial, promove danos morais e psicológicos naquele que é alvo da ação e suas consequências perpetuam por toda a sua vida. Tal violência ocorre a partir da ideia da

existência de um padrão dominante que possui autoridade sobre a vítima, a qual se sente inferiorizada. Apesar de ser uma forma de violência silenciosa, por apresentar prejuízos aparentemente ocultos, a violência de caráter psicológico agride profundamente o ser afetado, prejudicando diretamente a personalidade e conduta de vida.

Na ficção, inclusive na literatura infantojuvenil, ocorre a reflexão de temas sociais que afligem a sociedade de maneira geral, como a violência e suas múltiplas facetas. As obras estão sujeitas às influências de aspectos sociais e suas representações.

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução do gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (CANDIDO, 2000, p.65)

Com essa passagem, entende-se que, mesmo tendo como referência situações do mundo real, a ficção é uma ilusão e parte de um ponto de vista. O estudioso alerta para não haver o equívoco ao se compreender a obra ficcional como uma fiel representação do meio social em que está inserida. A análise da obra deve ser feita de maneira com que seja notada as referências realizadas em sua narrativa, porém com a percepção de que a realidade não está refletida, trata-se de uma representação, sendo necessária a correta distinção entre ficção e fato. Assim, tendo como condição social um ambiente com práticas violentas, uma obra literária, inclusive infantojuvenil, poderá abordar essa temática de maneira reflexiva, assim como ocorre em *Portugal pequenino*, analisado de forma mais profunda posteriormente.

Na obra, Raul Brandão problematiza questões de violência através de relações de poder entre as personagens. Situações de poder são percebidas não somente entre personagens humanos, mas, de mesma forma, entre os animais, como já observado anteriormente.

2.4 Violência física

Diferentemente da violência psicológica, a violência física é mais claramente identificada, principalmente pelo fato de deixar marcas visíveis na vítima. Suas motivações podem ser diversas: desde algo fútil, até um trauma. A violência física talvez tenha sido a primeira forma de violência desenvolvida pelo ser humano em seu estado primitivo, em que o pensamento racional ainda era deixado de lado pelos instintos.

Com a estruturação do Estado e do pensamento racional, os conflitos, as desavenças e os choques começaram ser resolvidos através do diálogo e das normas e leis estabelecidas. Mesmo com a criação de uma ordem estabelecida por um Estado e suas leis, a violência física se mantém presente, principalmente, nos grandes centros urbanos, em especial em nações onde as desigualdades sociais são exacerbadas.

O homem, por natureza, pode assumir postura violenta por diversos motivos, tendo como objetivo o de se firmar como autoridade perante o outro. Por esse motivo, muitas vezes o Estado, por meio de instituições, é o principal responsável por atos violentos, visto que é o detentor do poder. Além desse viés, o Estado possui um sistema que prega o consumo, a acumulação, a competição, e a ideia de que vencer deve ser a qualquer custo. O próprio Estado utiliza da força para se legitimar, como citado por Max Weber:

“Todo Estado se funda na força”, disse um dia Trotsky a Brest-Litovsk. E isso é verdade. Se só existissem estruturas sociais de que a violência estivesse ausente, o conceito de Estado teria também desaparecido e apenas subsistiria o que, no sentido próprio da palavra, se denomina “anarquia”. A violência não é, evidentemente, o único instrumento de que se vale o Estado — não haja a respeito qualquer dúvida —, mas é seu instrumento específico. Em nossos dias, a relação entre o Estado e a violência é particularmente íntima. Em todos os tempos, os agrupamentos políticos mais diversos — a começar pela família —recorreram à violência física, tendo-a como instrumento normal do poder. Em nossa época, entretanto, devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território — a noção de território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado — reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física. É, com efeito, próprio de nossa época o não reconhecer, em relação a qualquer outro grupo ou aos indivíduos, o direito de fazer uso da violência, a não ser nos casos em que o Estado o tolere: o Estado se transforma, portanto, na única fonte do “direito” à violência. Por política entenderemos, conseqüentemente, o conjunto de esforços feitos com vistas a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder, seja entre Estados, seja no interior de um único Estado. (WEBER, 2004, p. 37-38)

A criação do Estado acontece para que se crie leis as quais todos os indivíduos devem seguir, e assim todos adquirem o mesmo direito, mas sob o poder regulador da instituição. O reconhecimento de instituições pelos indivíduos legitima manifestações violentas impostas pelo Estado, já que a sociedade acha natural que determinadas instituições, e o próprio Estado, possa se valer da violência em determinadas situações, mas não como único instrumento.

A violência ocorre com mais frequência em ambientes mais pobres, onde encontra maior número de vulneráveis. A ligação entre violência e vulnerabilidade é íntima, visto que estar desamparado já é um estado de violência, e que pode gerar diversas outras manifestações violentas.

Independente se o objetivo é ferir ou não, o uso da força por meio de murros, tapas, bofetadas, socos, pontapé, até a espancamentos e utilização de objetos e armas, ou outras

maneiras de impor o poder por meio da agressão, configura-se como violência física. Ações que causam dano à integridade física do indivíduo ou que o colocam em risco, são características desse tipo de violência. Dizer que a origem das agressões parte do ódio é um equívoco, como esclarece a filósofa Hannah Arendt:

Dizer que a violência origina-se do ódio é usar um lugar-comum, e o ódio pode certamente ser irracional e patológico, da mesma maneira que o podem ser todas as demais paixões humanas. É possível, indubitavelmente, criar condições que desumanizam o homem – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome – porém, isto não significa que se tornem semelhantes aos animais; e nestas condições, não é o ódio ou a violência, mas a sua ausência conspícua que constitui o mais claro sinal de desumanização. (ARENDDT, 2004, p. 39)

É comum que determinados sentimentos originem reações violentas, mas não é fato que a violência seja justificada pelo ódio. O ser humano é múltiplo e passível de diversos sentimentos, visto que, de mesma forma, as condições as quais os indivíduos estão sujeitos também são diversas. Há situações que desumanizam o homem, como citado por Arendt, e nesses ambientes degradantes, o indivíduo nem sempre reage com o ódio. Esse sentimento só ocorrerá como forma de reação caso seja possível mudar a realidade, ou seja, quando um indivíduo sofre de uma doença incurável, ele não responderá a sua condição com ódio, visto que sua condição é imutável. Diferentemente ocorre quando uma pessoa ofende outra, e, nesse caso, o senso de justiça pode acarretar como resposta o sentimento de ódio. Arendt ainda salienta que:

A questão não é que uma tal ação nos permite dar vazão aos nossos impulsos reprimidos – o que pode ser feito com a mesma eficácia se esmurrarmos a mesa ou batermos a porta. A questão é que em certas circunstâncias a violência – atuando sem argumentos ou discussões e sem atentar para as conseqüências – é a única maneira de se equilibrar a balança da justiça de maneira certa. (ARENDDT, 2004, p. 40)

Entende-se, então, que a violência física pode surgir de uma reação rápida, como um impulso, em que não são pensadas as conseqüências dos atos. No momento em que os sentimentos tomam conta do indivíduo, este os externaliza de forma inconsequente, de maneira a tentar promover a justiça. Como já observado anteriormente, em *Portugal pequenino*, o Russo de Má Pelo não pratica atos violentos em decorrência do ódio, mas ocorre que os animais, que antes sofriam dos atos violentos promovidos pelo Russo, quando entram em contato com o menino enfeitiçado, não têm por ele condolências. Ao fim da narrativa, alguns ainda guardam rancor do menino e têm dificuldade em perdoá-lo, em virtude de todo mal que praticou.

3 MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS NA LITERATURA DE *PORTUGAL PEQUENINO*

Sob o viés crítico, o tema violência é recorrente em *Portugal pequenino*. Na obra, Raul Brandão problematiza atos violentos da sociedade, principalmente portuguesa, a medida que narra as interações caóticas que o personagem Russo de Má Pelo protagoniza. Num entrelaçamento entre diversos tipos de violência, centramo-nos em ocorrências violentas advindas do Russo com os demais personagens da narrativa.

Apesar de haver a possível interpretação do Russo não como um menino perverso, mas como um jovem curioso, não há maneira de camuflar seus atos violentos, dado que configuram a ideia de uma vítima sob poder imperante. Um meio de observar e problematizar manifestações violentas, é a partir dos padrões morais estabelecidos entre a sociedade, através dos quais é possível reprovar determinada atitude de acordo com os valores morais.

Nas análises seguintes observamos trechos que se configuram como reprováveis moralmente em uma sociedade civilizada, porque são determinados como atos violentos, caracterizados, principalmente, como violência econômica, psicológica e/ou física. Essas manifestações de violência podem ser concomitantes, uma vez que, quando analisadas, observamos que em uma mesma ação pode conter diversificados tipos de violência.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, quando uma pessoa encontra-se em zona de risco de ser acometida por violência, ela fica mais suscetível a sofrer de outros tipos:

Enquanto alguns fatores de risco podem ser únicos para um determinado tipo de violência, os vários tipos de violência normalmente compartilham alguns fatores de risco. As normas culturais predominantes, a pobreza, o isolamento social e fatores como abuso de álcool, abuso de substâncias e acesso a armas de fogo são fatores de risco ligados a mais de um tipo de violência. Como consequência, não é raro que algumas pessoas sob risco de violência vivenciem mais de um tipo de violência. As mulheres sob risco de violência física por parceiros íntimos, por exemplo, também estão sob risco de violência sexual. (KRUG, 2002, p.13)

Entende-se, então, que o estado de vulnerabilidade de um indivíduo pode levá-lo a estar exposto a demais maneiras violentas, seja por situações culturais, abusos de substâncias ou acesso a objetos. Em *Portugal pequenino* observa-se que a vulnerabilidade de alguns seres faz com que suas ações sejam mais comedidas, talvez pelo medo do rechacimento de seu agressor, como veremos nas análises.

A obra *Portugal pequenino* é organizada em treze capítulos. No primeiro deles, “Março”, é descrito o local onde as personagens moram, numa espécie de campo com paisagens verdes e gado, seção que as personagens são apresentadas ao leitor.

É, de um lado, a Pisca, um ninguém de gente, de olho esperto e narizito no ar; é do outro o rapaz de Arronce, o Russo de Má Pelo, que sopra nas mãos geladas e depois responde:

Vai lá ou... anda p'raqui

P'ra ao pé de mim!

São dois pequenos. Ele é filho do amo onde ela serve. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 9-10)

Este primeiro capítulo é fundamental para que o leitor conheça o ambiente e as personagens que vão acompanhá-lo na história daí por diante. Além da Pisca, há a apresentação de alguns animais, como as andorinhas, os bois, as formigas, a doninha, os grilos e os piscos, sendo as andorinhas, em especial, uns dos animais primordiais para o desencadear do clímax da narrativa. Além de maltratar os animais, o menino, dessa vez acompanhado da Pisca, rouba os pêssegos da árvore do senhor abade, apelidado de “Zé do Maquinismo”, reforçando ao leitor a ideia de que o menino, apesar de tão mal, é apenas um garoto atentado e curioso.

Já nos capítulos seguintes, os dois amigos são amaldiçoados pela personagem Bruxa das Portelas, de quem eles tanto tinham medo. Com a ajuda dos animais que antes eles maltratavam, são transformados, primeiramente, em gafanhotos, para em cada ano seguinte serem transformados em uma coisa diferente, como penedo no Marão, formiga, seixinho, gaivota, cegonha, entre outros. A partir desse momento, inicia-se o desenvolvimento da obra, quando os meninos, enfeitiçados, são obrigados a trabalhar, pois possuem família e precisam sustentá-la. Nesse momento há uma exposição do quão necessário é o trabalho para que se possa sustentar uma família, fazendo, dessa forma, uma referência crítica ao povo operário português, que tem de ser incansável em suas tarefas para poder oferecer o mínimo de sustento à sua família.

Ao outro dia – chovia a potes –, lá foi o desgraçado saltão, com uma sarapilheira pelas costas e o machado ao ombro, desfazer toros de carvalho, duros como ferro. – Jornaleiro para aqui – jornaleiro para ali – racha troncos, cava a vinha, ajuda o Torto a fazer o socalco – jornaleiro!... – É ele quem ganha menos e quem tem mais filhos na aldeia. É o que se ergue ainda de noite e o que cava até mais tarde. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.29).

O Russo de Má Pelo, metamorfoseado em saltão, vive como aqueles que se desgastam diariamente e, apesar de todo o esforço, não conseguem o necessário para viver com dignidade. Percebe-se que o saltão é amaldiçoadado a realizar um trabalho que necessita de extremo esforço físico, mas que mesmo assim não é remunerado proporcionalmente, uma vez que a labuta inicia-se antes do raiar do sol e se prolonga até tarde. Brandão, ao trazer tal

situação à sua narrativa, ficcionaliza o cotidiano dos mais necessitados do país lusitano finissecular.

O autor também traz a denúncia acerca da luta de classes e da exploração no campo ao mostrar o conflito entre diferentes classes sociais. Nesse caso, há hierarquia entre os próprios animais, que possuem desejos e obrigações diferentes, o que faz correlação com a época histórica e o contexto no qual a Europa se encontrava. A análise da narrativa de Raul Brandão como um autor do fim do século XIX, no período e espaço em que está inserido, ponderando o contexto social, econômico e político da época é fundamental para apreciar como estes fatores refletem em sua obra:

Por outro lado, se toda a sua obra é a escrita de uma crise, ela é também a manifestação de uma crise da linguagem literária, ou seja, há uma homologia entre a deriva ou a derrocada dos valores socioculturais e o modo de as exprimir ficcionalmente. (RIOS, 2017, p.35)

Ora, se em sua narrativa, Brandão, de certo modo, transfigurava para o mundo fictício algumas problematizações de sua terra natal, como a escrita de uma crise, decerto sua literatura também pode ser considerada como uma manifestação crítica da linguagem literária. A moral - ou a falta dela - de uma sociedade é posta em cheque a medida que há certa reflexão sobre os valores culturais de uma coletividade, e ao transpor essas estimas para o mundo literário, a obra também passa a valer como a escrita de uma crise.

A partir desse viés, observa-se a reflexão e o tom crítico em relação ao fato de o povo explorado, que é quem exerce o ofício mais pesado, ser obrigado a trabalhar durante intermináveis horas, ocupando o lugar da classe que mais trabalha, e, mesmo assim, ser o que recebe os menores salários. No trecho destacado em seguida, o saltão, que é o personagem Russo de Má Pêlo amaldiçoado, trabalha no campo, fazendo uso de ferramentas desse meio, como o machado, e é obrigado a fazer todo esse esforço para poder alimentar seus filhos na aldeia. Tudo isso ocorre pelo fato de o Russo e da Pisca enfeitiçados, em forma de gafanhotos, terem medo de o fidalgo ir comer seus filhos à noite, já que eles não têm dinheiro para pagar o aluguel da casa em que estão morando. Nota-se então, a relação entre o explorado, representado pelo Russo e pela Pisca, sendo oprimido pelo explorador, representado por todos os animais que o menino judiava antes de ser enfeitiçado. O Russo e a Pisca ainda passam pela dificuldade da falta de oportunidades oferecidas a eles, já que são novos naquele espaço e não possuem emprego, tendo que pedir algum serviço para fazer aos outros animais, e estes, por sua vez, como já haviam sofrido nas mãos do Russo, custavam para lhe oferecer alguma ocupação remunerada:

- Tu que queres?

- O fidalgo não me dá alguma coisa que fazer? Tenho lá a mulher e os filhos em casa e preciso de ganhar a vida.

- Hum! não tens boa cara! Aparece lá para as vindimas, que nessa ocasião talvez se arranje.

Vai daí o pobre do Russo, com a enxada às costas, bate à porta do pirilampo. Era quase noite e aquela luzinha de candeia, aquela luzinha ternura, perdida no negrume e no mundo, chama pelo companheiro alumando-lhe o caminho. Espera-o na soleira da cabana, envergonhada e tímida, com a candeia na mão e medo que as vizinhas digam mal dela.

- A senhora não me dá que fazer

- Estou muito ocupada. Venha noutra ocasião. Estou à espera do meu marido.

Depois de ouvir várias recusas, o Russo volta para casa muito triste. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.28).

Além disso, pode-se perceber que em toda a obra há a humanização dos animais, os quais não apenas falam, como possuem sentimentos humanos, como o medo e a vontade de vingança, exemplificando a personificação. O medo, primeiramente, acontece a partir do Russo sobre os animais, que tentam fugir e se esconder para que não sejam torturados pelo menino. Posteriormente esse quadro se inverte, sendo o Russo que possui medo dos animais, quando já está enfeitiçado e tem que trabalhar para poder sobreviver, pois os animais possuem sede de vingança e querem revidar tudo aquilo que o Russo havia feito com eles:

Ninguém me quer dar que fazer e estou com medo que o fidalgo venha aqui esta noite e nos coma a todos, tais olhos me deitou.

- Olha os soberbos! Nada de aflições, eu arranjo-te amanhã que fazer. Vamos agora ao caldo e toca a dormir.

Mas o Russo teima:

-Estou-lhe com medo.... Come-nos os meninos. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.28).

Quanto à represália dos animais em relação ao Russo, dá-se também, da mesma forma, entre o povo colonizado e o povo colonizador, especificamente, nesse caso, Portugal como o conquistador de novas terras. Esse sentimento é retratado por toda a obra por meio da personificação dos animais e pelas atitudes do Russo de Má Pêlo, em que o menino, antes de ser amaldiçoado pela Bruxa das Portelas, faz o papel do explorador, que consiste em dominar as terras e tudo o que pertence a ela. Portanto, uma das concepções mostra que Portugal pode ser representado pelo Russo, já que ele assume um comportamento totalmente autoritário em relação à Pisca e a influencia em suas atitudes, além de o garoto agir de forma perversa para com os animais que habitam naquela terra, maltratando-os e explorando todo seu solo, assim como Portugal fez com os povos e com as terras que colonizou, inclusive com as terras brasileiras e os índios que nelas habitavam:

E com eles os que nos trazem a primavera: o cuco (sem cantar o cuco e zumbir a mosca não deu rebate o tempo), a poupa, que faz o ninho nas tocas dos carvalhos, com palheiras e caca de cão – e que é a ave que chega mais tarde e a que cheira mais mal: parece um índio da América quando levanta as penas da cabeça. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.108).

Durante todo o desenvolvimento na história da obra *Portugal Pequeno*, as personagens principais passam por inúmeras dificuldades enquanto estão transformadas em animais, inclusive o Russo se arrepende e sente saudades de quando era menino:

- Está arrependido. Bem quisera voltar para casa, mas a galinha pedrês espera-o e não o pode ver, e com a galinha o esplêndido galo que passeia à porta, de cá para lá, como um capitão de cavalos armado em guerra, de barretina encarnada na cabeça e esporas nos pés. E não é o trabalho que mete medo ao Russo. Recorda-se do trabalho da casa e do alto do monte, segue com saudade tudo que se faz na eira e nos campos paternos. Verão, outono, inverno, primavera... (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 29-30)

No entanto, o que sempre dá forças para o Russo não desistir é sua amiga fiel e incansável, a Pisca. Ela, mesmo nas vezes que o menino quis morrer, como quando sua mãe não o reconheceu - compreensível, já que ele era um saltão no momento – lembrava-o de que estaria junto com ele em qualquer ocasião. As andorinhas são as encarregadas de decidir no que o Russo deverá ser transformado em cada ano, e, certa vez, decidem que o menino seria um penedo no Marão, ou seja, dessa vez o garoto não poderia mais ter movimentos. Ainda assim, a Pisca não o abandona e permanece ao seu lado, mesmo que seja em silêncio, já que o Russo e sua amiga não podem mais conversar, sendo ele um penedo e ela, agora, um seixinho (pedrinha da rocha), ratificando ainda mais a diferença entre as duas personagens, com a superioridade masculina. Mas não é só a Pisca quem motiva o Russo quando ele se desanima, o menino também conta com a ajuda do pisquinho, pois a ave o anima e lhe dá apoio quando necessário, inclusive, quando precisa de ajuda, pode chamá-lo de qualquer lugar que o pisquinho sempre está disposto a socorrer o menino, mesmo que para isso lhe custe à vida, o que acaba acontecendo com o pobre animal já ao final da leitura do livro.

Enquanto isso, alguns animais comentam sobre o menino, uns o defendem e outros não, e nesse momento há a reflexão do quanto o homem é ingrato, pois o boi, por exemplo, trabalha para o homem a vida inteira, e no final o humano o mata e o come. Logo, o autor retoma o tema de Portugal como explorador, pelo fato de se aproveitar das pessoas e da terra dominada, e por fim o país faz como o homem faz ao boi, metaforicamente, sugando tudo que o povo e a terra podem lhe dar sem se importar com o explorado e com nenhuma consciência quanto a isso. No trecho em destaque a seguir, pode-se perceber que Brandão critica, mais

uma vez, o quanto o povo português trabalha, desde crianças, para conseguir o mínimo para se sustentar, inclusive enaltecendo as mulheres que trabalham tanto como os homens:

É aquele Avintes, das barqueiras morenas e bem lançadas, que conheço desde que me conheço, remando de pé nos barcos e trazendo à cidade o pão saboroso que meu avô comia, em barquinhos leves de quatro tábuas de solho, um remo de cada lado e as mulheres incansáveis no mesmo movimento concertado. Vão e voltam. Passam gente dum lado para o outro da margem. E enquanto os homens amassam, enforcam ou tomam conta da terra, tomam elas conta do rio. O Douro pertence-lhes, e ainda pequeninas deitam a mão ao remo, ao lado das mães, caindo para frente no mesmo impulso, e levantando o pé descalço, ao mesmo tempo que mergulham o remo, e endireitando-se ao puxá-lo para si.

Este país não tem pelas mulheres a consideração que devia ter. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.70)

Raul Brandão ainda relata como é o dia a dia dos trabalhadores portugueses, descrevendo todas suas dificuldades através dos olhos do Russo e da Pisca, que são transformados em gaivotas e voam por todo o litoral português. O autor narra sobre o trabalho incansável das pesqueiras nos leilões, expõe a vida do poveiro, que são os pescadores, e, que mesmo tendo uma vida difícil, ainda assim amam a profissão, além de descrever a casa do poveiro, com as menores condições para sobreviver. Brandão aparenta ter uma grande afeição por essas pessoas, pois se estende bastante, durante a narração do livro, em descrever o modo de vida desse povo, denunciando seus sofrimentos e das mulheres que ficam em terra enquanto seus maridos, filhos e netos vão ao mar e correm risco de vida. Inclusive, no capítulo “O mar”, é relatado com riqueza de detalhes o desespero das mulheres pedindo a Deus pelas vidas de seus parentes, no tempo em que os homens pescadores tentam sobreviver em barcos no mar agitado.

Conforme o tempo passa e os meninos vão sendo transformados, percebe-se que o Russo começa a ter mais compadecimento com os animais e as pessoas ao seu redor, já que conversa com os animais que antes ele maltratava conhecendo-os melhor, e talvez, pela primeira vez, experimenta o sentimento de pena, o que nunca havia tido antes. Isso ocorre quando eles vão até a casa da Pisca e o Russo repara que ela e sua família são bem pobres, o que antes ele não notara, já que era bastante egoísta. O menino começa a conhecer melhor a vida das aves e percebe que elas são boas e têm um coração puro, além de serem excelentes pais. Estando no corpo de um pássaro, o Russo passa por dificuldades que as aves passam todos os anos durante o inverno, sentindo fome e frio, e, para sobreviverem, têm que ser fortes como as mulheres de seu povo.

A partir de então, o Russo se torna bastante emotivo e chora com saudade do passado, tendo, algumas vezes, o desejo de morrer. Ele constantemente se sente desanimado, com

saudades de sua terra, lembrando cada detalhe de sua casa e sente muita falta da mãe, sendo recíproco, pois, como o pisquinho foi ver, as mães dos meninos também sentem a falta deles. A cada dia aumenta o desejo dos meninos quererem acabar com o feitiço e pedem ajuda a diversos animais, como as aranhas e as andorinhas, mas o que todos os bichos falam quando eles pedem ajuda é “talvez amando” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.138), só assim o feitiço poderá ser desfeito, já que o Russo ainda não entendeu a vida.

Apesar de narrar os percalços pelos quais as personagens passam durante a vida, o autor não deixa de registrar sobre a história de seu país. Brandão relata o caminho que Portugal trilhou e seus feitos, ou “desfeitos”, pois mostra como consequência de um país explorador, uma nação sofrida, com um povo trabalhador e miserável em contraste a uma minoria burguesa. Ainda, descreve Portugal como sendo submisso ao seu vizinho, a Espanha, que é tida como uma nação em ascensão:

Agora vos vou dizer o grande segredo dessa história. Dum lado há um pequeno povo, e do outro, aquela grande nação, que, embora o não diga, só pensa em nos absorver. (Quando o não diz é pior...) E porquê? Porque ela sabe que junta conosco, daria leis ao mundo. Um pequeno povo, que, não sei por que instinto, resiste a ser absorvido na massa formidável da Espanha, onde se sumiria enterrado para todo o sempre. É este o drama oculto. Ser Espanha ou não ser Espanha. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.162).

Mas, em contrapartida, o autor não deixa de enaltecer o quanto sua terra é bela “É a terra mais linda do mundo” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.179) e descreve, a todo o momento, as paisagens de Portugal com riqueza de detalhes e com um grande orgulho por fazer parte daquele país. O escritor é bastante sensível em suas descrições, fazendo parecer com que a nação seja de uma força imensurável, sendo o produto de uma terra maravilhosa, com cenários deslumbrantes, somado com um povo batalhador. O autor também faz questão de lembrar dos poetas de sua terra, do quanto são talentosos e, ao mesmo tempo, esquecidos, não sendo reconhecidos por seus versos, assim como Camões. Brandão louva a sensibilidade que os poetas detêm, e a forma como estes interpretam o mundo, tal qual como sua forma de levar a vida. Portanto, compreende-se que em toda a obra, o autor faz uso de personagens que retratam pessoas desprivilegiadas na sociedade:

O que podemos concluir a partir dessa reflexão é que, se há, de alguma maneira, uma maior unidade nas abordagens temáticas da prosa de Raul Brandão, que vai preferir centrar-se nas figuras de pescadores, dos trabalhadores, dos pobres e dos marginalizados, há, por outro lado, uma maior diversidade formal e de experimentação no campo teórico, quando se trata de lidar com categorias como realidade e ficção, memória e imaginação. (RIOS, Otávio, 2017, p.188)

Nos capítulos finais da obra, o Russo e a Pisca, ainda como animais, agora especificamente como grilos, não se cansam de querer encontrar com a bruxa, para que finalmente ela possa acabar com o feitiço. Os meninos precisam voltar a ser humanos antes que o inverno os mate, já que todos os outros animais estão protegidos em suas tocas e eles não têm abrigo. Porém, todos os bichos a que eles pedem ajuda, recomendam a não ir até a casa da bruxa, porque lá é terrível e eles poderiam se arrepender.

Com muito custo e após uma longa jornada, o Russo e a Pisca conseguem chegar à casa da Bruxa das Portelas, e reparam que, na verdade, a casa é um palácio cheio de bichinhos. É noite de Natal, e a velha se aquece na lareira enquanto chora. Ela possui uma caixa, e dela tira um pedaço de pão e uma malga de vinho, e apenas isso é a sua ceia de Natal, o que mostra que a bruxa é na verdade uma mulher sofrida. Aqui, repara-se o quanto uma pessoa pode ser condenada por puro preconceito ou desigualdade entre os seres: “Talvez os homens sejam injustos com as mulheres e com os bichos” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p.195).

Então, além da complacência com os animais, os jovens ainda modificam suas visões acerca da Bruxa das Portelas, pois reparam que se enganaram quanto à ideia que tinham da pobre mulher. Eles conversam com os grilos que ali fazem morada e constatam que ela era uma mulher já idosa e que na verdade não era má e nunca havia feito mal a nenhum animal, pelo contrário, convivia com os bichos e ainda os alimentava com migalhas. Ela era de fato uma pobre senhora que vivia solitária e que chorou na noite de Natal por, nesta data tão importante para ela, estar sozinha em casa, e, principalmente, estar sem a companhia dos seus filhos, por serem ou ingratos, ou estarem mortos, ou ausentes, sentindo-se dessa forma desamparada. Não só na noite de Natal, mas na maior parte do tempo a velha apenas chora, e, como forma de agradecimento, os bichinhos cantam para ela, na tentativa de alegrá-la e deixá-la menos solitária.

A Pisca e o Russo acreditavam estar preparados para finalmente serem transformados de volta como humanos, já que haviam experimentado um sentimento de ternura, e acreditavam que por fim haviam amado, assim como alguns animais aconselharam anteriormente como condição para o feitiço ser desfeito. Mas, para frustração dos meninos, a bruxa não anulou a magia, alegando que poderia dar o corpo em forma humana para os jovens, mas que não poderia dar-lhes a alma.

Por fim, o Russo e a Pisca retornam à aldeia, mas ninguém os reconhece, já que as demais pessoas envelheceram e eles ainda têm forma de meninos. Então, a fim de resolver essa situação, a Pisca vai até um poeta que havia conhecido, em que nada lhe tirava o sorriso,

mesmo que ele fosse enganado. O poeta era amigo dos animais e amava a natureza, e, por ser tão sensível, a Pisca acreditou que ele pudesse ajudá-los, uma vez que o Russo e a Pisca não conheciam mais ninguém e estavam presos a um corpo sem alma, sendo uma das condições que a Bruxa comentou para que tudo voltasse ao normal, era ter alma no corpo.

O Poeta estava definhando aos poucos, à medida que ajudava a todos que necessitavam. Como era de se esperar, o Poeta tenta ajudá-los, lembrando a atitude louvável da Pisca que não abandonou o parceiro, mesmo ele sendo egoísta, mas que ele não pode fazer muita coisa para ajudar, pois só o Russo poderia criar sua própria alma.

Diante de tal situação, a incansável Pisca apanha um fio de luz das estrelas para poder chamar as andorinhas e alguns animais começam a perdoar o Russo e outros não, o que gera certa confusão. Para poder conseguir o perdão de todos e assim curar o Russo, a Pisca e o menino voltam a serem andorinhas. O Poeta vendo tal atitude, agradece a Pisca por tudo que lhe ensinou, principalmente pela lição de humildade e sacrifício.

Em forma de andorinhas eles têm que viajar para fugir do frio. Assim como todas as andorinhas, eles precisam passar por um negrume e o Russo sente que vai morrer, mas a Pisca fica ao seu lado mais uma vez, tentando animá-lo. As andorinhas começam a morrer e o Russo cai, como se estivesse morrendo, e, nesse momento, pede a Deus para salvar sua fiel amiga Pisca. Nesse instante, é a primeira vez na narração em que o Russo deixa de pensar em si mesmo e deixa de ser egoísta. Os suíços salvam as andorinhas, mas a Pisca acaba morrendo, e o Russo só a ama depois de morta.

Ao fim desse episódio, o Russo se assusta com o acontecimento e acorda na cozinha de sua casa. Ele começa a reparar nos detalhes do cômodo e confere que tudo está igual, do jeito como sempre foi, atestando que tudo não passou de um sonho, ou um pesadelo. O menino resgata sentimentos carinhosos por aquele lugar e seus objetos, tendo ternura por cada detalhe e ao fim chora nos braços da sua mãe. Ele se sente tão aliviado e feliz que tem a impressão de que as coisas estão sorrindo para ele:

As coisas sorriem-lhe fazendo sinais: o forno, de boca desdentada, onde já os avós, de meninos, coziam o pão, a ferrelha e as pás negras, com um jeito no cabo, das mãos dos mortos. Nunca reparara na expressão das coisas tão suas conhecidas e dava-lhe vontade de beijar as mãos do pai, duras como pedras, com que a um canto mete pacientemente dentes novos nos engaços velhos. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 212-213)

Então, na conclusão da leitura da obra, observa-se que há uma expectativa de melhora quanto à personagem Russo de Má Pelo, no qual no início da leitura é tido como um menino

traquineiro, perverso e egoísta, e, por fim, parece ter construído uma personalidade melhor através do seu sonho.

3.1 Além do cifrão

Raul Brandão narra, em *Portugal pequenino*, algumas situações que se configuram como violência econômica, tanto de maneira mais metafórica, através das relações dos animais com a terra e para com o homem, quanto de modo mais direto, como a interação dos homens e com o ambiente em que vivem. No primeiro capítulo da obra, nomeado “Março”, há a comparação entre as nações europeias, assim como as suas relações econômicas, a partir da descrição da terra e de suas conquistas – ou fracassos.

As andorinhas, vindas da França, ao chegarem a Portugal, iniciam suas críticas ao que encontram:

- Isto parece-me selvagem. Eu vivi sempre num castelo em Avinhão. Minha família era nobre e o senhor arrastou-me para esta terra tão feia. – E acrescenta, estendendo a asa a um fio de sol doirado: - Isto é selvagem... mas quentinho...

- Vem ver a nossa casa, a nossa linda casa no beiral.

[...]

- A nossa casa?... Não seja atrevido!... O meu solar em França não era tecido com palha, agulhas de pinheiro e lama com agulhas de prata das meninas de Avinhão. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 12-13)

Comparando Portugal à França, as andorinhas enaltecem o território francês em decadência da nação lusitana, com um único elogio a Portugal: quentinho. Ao chamar o território português de selvagem, as andorinhas reforçam a ideia de um país agrário, o qual ainda não está preparado para receber a presença das nobres aves advindas de um ambiente mais desenvolvido. Também percebe-se a contradição entre “a casa no beiral” e o “solar em França”, com a exaltação de uma moradia muito mais rebuscada, em detrimento de outra mais modesta, construída com palha, agulhas de pinheiro e lama.

Em outro momento, a narrativa estimula a interpretação de um Portugal desterrador, que coloniza territórios, degrada o ambiente e o deixa desprovido de meios para se reerguer. Portugal colonizador pode ser visto como cruel, praticante de violência econômica enquanto egocêntrico, visto que sua única preocupação é a possibilidade de enriquecimento próprio

proveniente da exploração da terra conquistada, sem nenhuma preocupação com as consequências para outrem.

- Mas de repente estacou estupefacto, no meio do quintal, como se visse sair da terra um fantasma ou a torre da igreja desabar. Nem um! Esfregou os olhos, certificou-se, e deixou cair o pranto. Nem um pêssego na árvore! Olhou para os lados, e viu lá no fundo as pernas do Russo saltarem o muro, e os braços do Russo puxarem uma rapariga esgrouviada para o outro lado do quintal. – Ladrões! ladrões! – Esteve para chorar olhando a árvore despida dos frutos, esteve para procurar o vizinho e queixar-se-lhe do filho, e esteve também para correr em cima do Russo com um pau, mas lembrou-se que, com aquelas gâmbias, nem na serra o apanhava. E olhando para o chão, disse na amargura dos grandes lances: - Nem os caroços me deixaram! (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 19-20)

Outra possível interpretação do trecho é a de que, mesmo com um passado glorioso e enriquecido, Portugal finisse secular encontra-se decadente. Metaforicamente, mesmo que antes possuísse vários pêssegos, no atual momento narrado, a nação já não contava com mais nenhum deles, desacreditada no que estava diante de seus olhos. Além disso, nem a fonte de riqueza possuía mais – a árvore / as colônias – “nem os caroços me deixaram”, o que dificultava ainda mais a reconstrução do país. Tal interpretação e saudosismo também são encontrados em diversas outras passagens de *Portugal pequenino*: “Mas ele tem saudades da casa e não pode com a vergonha de se ver assim, sem mais nem menos, bicho de mato desprezível” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 26), em que, além de mostrar nostalgia, também indica o menosprezo pela terra portuguesa, como também acontece em:

Na caverna dum muro de vedação que lhe pareceu ciclópico, vê um louva-a-Deus, que depois de devorar o seu semelhante e de atirar para o lado a casca como uma ostra vazia, ergue as mãos para o céu, muito agradecido, chamando-os com meiguice:
- Pequenos! Pequenos! (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 26)

A precariedade de avanços tecnológicos faz com que Portugal fique a mercê das demais nações europeias e se torne pequeno perante seus vizinhos. A ideia de uma nação desterradora também é retomada pelo autor, já que quando o que lhe interessa já foi retirado, a sobra é vista apenas como casca, e, portanto, descartável, assim como faz o louva-a-Deus.

Raul Brandão problematiza a questão econômica da sociedade por meio de sua narrativa. O autor induz que a população mais vulnerável, muitas das vezes, é a que mais trabalha pelo país, como um alicerce, mas que, de mesmo modo, é comandada por aqueles que possuem maiores poderes, mesmo sem esses ter tido esforço para alcançar tal ocupação. Quando transformado em saltões, os jovens precisam trabalhar incansavelmente, enquanto que o fidalgo só fica ao sol descansando. Percebe-se que aquele que detém o poder econômico

é o mesmo que dita as regras a serem seguidas, já que um poder leva a outros, num ciclo de privilégios.

- Vai, pega na enxada e pede trabalho aos vizinhos, enquanto eu arrumo a nossa casinha! (Era um buraco debaixo duma pedra).
Ele assim fez. Foi ter com o sardão velho, fidalgo a quem todos em volta devem respeito. Não trabalha. Vive ao sol, estendido sobre um penedo, vestido de jóias, amarelo e verde e com os olhos em brasa. Temem-no como a um príncipe. De quando em quando sai da deliciosa soneca para comer os grilos, que nem por isso deixam de cantar com entusiasmo, aceitando esses destino atroz, talvez muito obrigados ainda por cima por encher a barriga a tão alto senhor. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 27)

Para conseguir trabalho, o menino, em forma de saltão, precisa falar com o sardão, que possui maior poder econômico. Este, por deter o capital, é respeitado pelos demais animais, o que mostra o quanto uma sociedade valoriza o dinheiro, sem levar em conta a moral e a ética. Independentemente do modo como o indivíduo tenha alcançado o poder econômico, o que importa para a sociedade é que ele detém esse poder, mesmo que para isso tenha explorado outras pessoas.

A gente olha para os bagos de âmbar transparente, para os moscatéis que fazem chegar a água à boca, para os cachos dourados com uma pele muito fina, e custa-lhe a compreender que seja a dor que produziu tudo isto. [...] É a dor deste homem que se sujeita, lívido de febre e com a magra companheira ao lado, a viver preso à terra maldita e abençoada. Sujeita-se e range. Obstina-se. [...] Negra vida. [...] Encontro aqui figuras sonâmbulas, velhos calados, só com a pele estendida em cima da caveira, que olham o pó, em que não tardarão a ser enterrados, com a ternura de quem olha um filho... (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 63)

Aqui observamos a exploração dos miseráveis para a fundação de uma nação. A dor dos homens comuns é negligenciada, já que não possuem valor para os soberanos do território. O valor dessas pessoas é reduzido ao que seu esforço físico pode proporcionar, e, quando estes já estiverem esgotados, não podendo mais contribuir de forma tão efetiva, já estarão próximos de serem enterrados, como seus companheiros de batalha. Raul Brandão tem afinidade em tratar de morte e vida de forma tão próxima, como percebido no trecho analisado, em que os vivos encontram-se associados com aqueles que já se foram, formando um ciclo interminável, como observado também em “Eis como vivem estes homens. Como morrem dizia-o o velho cemitério da Póvoa que já não existe” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 80), listando, a seguir, os nomes de homens que morreram desbravando o mar “António Libó, morto no mar; Francisco Pernetá, morto no mar;” (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 80) e tantos outros que sucedem o excerto. Além de sua afinidade com a reflexão entre vida e morte, o autor reafirma, nessa passagem, e em outras, sua preferência por

questões que envolvem o universo marítimo, que tanto fez parte de sua vida, já que é de família de pescadores.

A ideia de trabalhar até a morte pela nação, com nenhum reconhecimento, é assinalada pela ingratidão dos detentores do poder econômico e fortificada pelo absurdo de que esses homens, que tanto produzem pela sua terra, dela não conseguem obter nenhuma riqueza que não seja para seus senhores.

E os homens são como a terra. A solidão meteu-lhes a fala para dentro. Quem sabe ver não os esquece nem os separa daquele cenário escuro. São tristes e eu vou dizer porque são tristes. Há para esses longes herdades de quinhentos hectares, e eles, que trabalham toda a vida na terra, se saem para fora da porta, não têm um palmo de chão onde dispor uma couve. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 126)

Isolados e muito distantes de possuir algum poder econômico, os miseráveis portugueses permanecem em solidão e sem voz, à parte das riquezas provenientes de sua própria terra e dos demais territórios conquistados. Percebe-se a discrepância do modo de vida entre aqueles que detêm o poder econômico e os que estão à margem desse domínio, problematizado por Brandão em diversas passagens da sua narrativa. O poder econômico concentrado em uma pequena parcela da sociedade, faz com que muitos indivíduos se sujeitem a variadas situações humilhantes e estejam vulneráveis às circunstâncias violentas de degradação do próprio sujeito.

3.2 Uma dor além da pele

A violência psicológica, constantemente, é apresentada de forma sutil, passando despercebida pela sociedade. O medo está diretamente ligado a essa nuance de violência, meio pelo qual os agressores se fazem valer para adquirir o que almejam, o que não é diferente em *Portugal pequenino*. Por seu comportamento violento, o Russo de Má Pelo é figura conhecida pelos animais, os quais temem e evitam estar próximos do menino, uma vez que, ao estarem visíveis, imediatamente correm risco de sofrer algum tipo de violência proveniente do jovem. O ambiente de temor instaurado pelo Russo se configura como violência psicológica, uma vez que mesmo não praticando nenhum tipo de agressão no momento, ainda assim altera o comportamento dos animais.

Remoem os bois na corte, gordos e pacíficos, perguntando baixinho uns aos outros:
 - Anda por aí o Russo de Má Pelo?
 Conhece-o a formiga rabiga que mal pode com o carroto e a doninha que o segue e
 espregueita, estendendo o pescoço nos interstícios dos muros. Conhecem-no os grilos
 que se escondem nos buracos, quando ele aparece de palheira em riste; os piscos de
 papinho vermelho e pernas como linhas, a migalha do olhar inteligente reluzindo e
 espregueitando, e os melros que lhe fogem assobiando:
 - Lá vem o Russo de Má Pelo! (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 11)

Em uma tentativa de sobrevivência e de ajuda mútua, assim que percebem que o Russo está próximo, os animais se comunicam na tentativa de avisarem uns aos outros para se protegerem do menino. É importante salientar que não é só um grupo que conhece e teme o Russo, mas são todos os animais do ambiente, que com a chegada dele tentam se abrigar. A violência psicológica impõe o medo como forma de poder, como percebido na análise, que mesmo sem nenhuma visível ação violenta, a ameaça está presente, porém de forma oculta.

Como o medo é instaurado pelo menino antes de ser enfeitado, após estar em forma de diversos animais, ele também é acometido pelo mesmo mal. Em forma de menino, o Russo aterrorizava os bichos e fazia com que eles tivessem medo até de sua presença, o que também ocorre quando ele, em forma de saltão, apresenta medo do fidalgo.

- Ninguém me quer dar que fazer e estou com medo que o fidalgo venha aqui esta noite e nos coma a todos, tais olhos me deitou.
 [...]
 - Estou-lhe com medo... Come-nos os meninos.
 - Os meninos?! – exclamou com horror a serigaita da Pisca, que, depois que casou, põe e dispõe com autoridade no lar. – Para que queres tu a cabeça? Vai ao quintal e põe num pau este letreiro: <Cuidado com a ratoeira>.
 - E a ratoeira?
 - Não é preciso ratoeira nenhuma. Em ele vendo o letreiro põe-se logo de largo.
 (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 28-29)

O medo do fidalgo, por parte do Russo em forma de saltão, vem atrelado ao consentimento que sente pelos filhos. Percebe-se que o menino apresenta sentimentos bondosos que antes não eram expostos, aparentando ser menos egoísta e colocando os filhos como prioridade. O temor também impede que o sardão entre na casa da Pisca e do Russo quando avista a placa alertando a presença da ratoeira, mesmo que essa não existisse naquele local. Na narrativa é ressaltado como a violência psicológica, alimentada pelo medo, conduz comportamentos e interfere diretamente nas maneiras de interação, mesmo que não seja uma forma de violência com nuances explícitas.

Semelhantemente ocorre com o manejo do gado no ambiente. Os bois são conduzidos pelo homem com os cuidados na terra e com outras inúmeras utilidades ao meio, o que não ocorre fundamentalmente por meio da violência, mas por estímulos que lhe soam como

ordens. O gado obedece às ordens como seres adestrados àqueles comandos, mas que se sentem traídos ao serem avisados que quando não forem mais úteis aos trabalhos, virarão alimento do homem.

Ele guia-me e fala-me. Sei que tenho de beber quando me diz: <Eh! abou...ou ...eh! abou...ouxe...> com uma voz arrastada; sei que tenho de entrar na corte quando o ouço, grosso: <Toma! toma! toma aqui!> - >Ouh!> é para parar; <eixe! eixe!> é para me pôr a caminho eu e mais o meu companheiro aqui presente [...]

- Disseste para aí há bocado, gato, uma coisa que me tem custado a remoer. Tu disseste que ele me comia. É impossível! Tu és um mau bicho. Ele não come gente...

- Mas come bois – atalhou o gato.

- Então eu presto-lhe tantos serviços, toda a minha vida, nas terras e nas estradas, para ao fim me matar e comer? (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 42-43)

O boi se sente amigo do homem, visto que o ajuda e que lhe é útil em diversas tarefas, o animal conta com as intenções benéficas das pessoas. O gato tenta alertá-lo, mas mesmo assim o boi parece não acreditar no que ouve, achando um absurdo o seu fim. Ocultamente, as ações do homem visam a melhor qualidade do alimento que o boi poderá lhe proporcionar, como ao dar o melhor de comer para o boi, poder engordá-lo e ter maior rendimento econômico com sua carne. Assim ocorre com a violência psicológica, em que pode estar escondida por outras ações, de modo com que o meio de maneira geral não perceba, mas que a vítima vai vagarosamente caminhando rumo à decadência do seu ser.

A imposição do poder por meio do medo ocorre em demais episódios da narrativa, principalmente relacionados à bruxa das Portelas. O ambiente misterioso que envolve a bruxa faz com que as personagens tenham receio em chegar próximo de sua casa, imaginando o que pode ocorrer se assim fizerem. Por sua maneira particular de viver e a sua falta de interação com os demais personagens da narrativa, os seres a julgam como uma mulher capaz de protagonizar atos de violência, até por conta da maldição que pregou no Russo e na Pisca.

- Ó cabra-loura, tu sabes onde mora a bruxa das Portelas?

E ela só lhes disse de dentro da toca de carvalho:

- Não vão lá! não vão lá que se arrependem!

E mais adiante a cigarra, que não cessa de cantar desde que vem o calor, terminando sempre as notas estrídulas por um assobio, e que com o negrume mal se atreve a abrir o bico:

- Metam-se no buraco, metam-se no buraco e fechem a porta enquanto é tempo.

Também a Árvore lhes disse: - Nem mais um passo! Vocês que vão fazer? Não se sabe o que se passa naquele casebre perdido no monte. Boa romaria faz quem em casa fica em paz. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 190-191)

Mesmo que a bruxa não tenha praticado nenhuma ação violenta, os animais alertam uns aos outros para que fiquem longe de sua casa. A violência psicológica impede que os animais a conheçam e desmistifiquem a percepção que construíram, mas a mulher também

não aparenta ter nenhum interesse em modificar esse pré-julgamento. De certa forma, manter o medo dos animais por ela poderia ser uma forma de se proteger, mais que os amedrontar, pois pode ser percebido que a senhora não tinha intenção de impor nenhum poder sobre os animais, nem ao menos havia apresentado nenhum comportamento para tal percepção. Na narrativa, a violência psicológica é vivenciada entre as personagens de maneira com que conduz os comportamentos e as interações entre os seres, em função de ser um meio de impor poder e atingir a vítima.

3.3 Olhe minhas marcas

A partir das personagens da obra *Portugal pequenino*, de Raul Brandão, observamos e avaliamos de que forma a violência pode interferir direta e indiretamente na vida, na relação e na ascensão das pessoas e/ou das nações, sempre percebendo o quanto a violência está presente nas relações interpessoais considerando o contexto em que está inserida, aferindo o quão consciente o indivíduo pode ser de seus atos violentos e relativizando o que de fato pode ser considerado violento. Nesse contexto percebemos, por exemplo, que a personagem principal da narrativa, o Russo de Má Pelo, apesar de ser um menino extremamente violento, não possui a consciência de que seus atos são assim considerados, sendo visto por todos que estão ao seu redor desta maneira, menos por ele mesmo.

Rompe as calças trepando aos pinheiros e os grilos têm por ele uma aversão que todo o monte comenta: (Ah!... ah!... ah!...) Para saírem do buraco, esfuranca-os com uma palheira e vai dizendo:

Grilinho sai sai

Que morreu teu pai

Com uma faca de estopa

Que se mete por trás e sai por a boca.

O que é um insulto a toda a família e por isso o grilo não se mexe, indignado. – Ah não sais? – Então o Joãozinho deita-lhe lá para dentro um líquido salgado e mal cheiroso que o faz vir para fora a toda a pressa.

Arrasta os irmãos para o monte e só aparecem à noite com os bolsos cheios de bichos pegajosos. Onde está ele e a Pisca? Ninguém sabe. No alto dos pinheiros ou nos charcos com as rãs. As aves prende-as por uma linha. Talvez não seja mau – mas quer ver tudo por dentro. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 15-16)

A violência propagada pelo Russo acarreta diversos efeitos nas interações. Como visto, ao menor sinal de aparição do menino, os grilos ficam atordoados por já saberem que correm risco de sofrer algum dano, o que já pode ser considerado como violência psicológica,

com o perigo iminente. Para fazer com que os grilos realizem seus desejos, o jovem, além de fazer uso da violência psicológica, concomitantemente impõe seu poder por meio da violência física. Com uma palheira, ele espeta os animais no buraco enquanto canta versos rimados com referência as demais atrocidades que praticou com os familiares dos grilos. Pela não imediata obediência do grilo em sair do buraco, ele pratica outro ato violento para que seja feita a sua vontade: o menino urina no local onde os animais estão se abrigando. Com isso, o Russo alcança o que quer por meio da violência, que, mais tarde, ainda é protagonizada por outro ato cruel a esses animais, não descrito claramente, mas passível de ser compreendido, que é a morte dos grilos. Além de todas essas ocorrências de violência, o menino ainda machuca as aves fisicamente, amarrando-as por uma linha.

Não são apenas os grilos que sofrem com as atitudes violentas do Russo, outros animais também não escapam de suas perversidades e o menino é capaz de persuadi-los para que também pratiquem a violência.

Quando os rapazes descobrem um ninho escondido: - Eu tenho um ninho de carriça.
 - Eu tenho um ninho de melro com duas ovinhas. - Onde? Ah, não dizes aonde? -
 Logo requer as formigas em seu auxílio:
Formiguinha formigão
Vai ao ninho de João,
Se tiver ovinhos, come as gemas
E deixa as casquinhas;
Se tiver passarinhos,
Come a carne e deixa os ossinhos.
 E cospe na mão esquerda, batendo com a outra em cima do cuspito:
Para cima, para baixo,
Formiguinha, formigão! (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 17)

Mesmo que os atos violentos não sejam concretizados pelas suas próprias mãos, ainda assim o Russo tem algum envolvimento. Ao descobrir que havia ninhos com ovos, sem pestanejar, o menino logo instiga as formigas a praticarem maldades, como ir até os ninhos e comer as gemas dos ovos, ou, ainda, comer a carne dos filhotes e deixar apenas os ossos. A consumação da crueldade do Russo é realizada com a ajuda das formigas, mas essas, ao mesmo tempo que são persuadidas pelo menino a praticarem o ato violento, também o experimenta de forma física, a medida que são jogadas para cima e para baixo, por meio de cuspe, pelo menino. Todo tempo de ocorrência de tais manifestações violentas, aparentemente percebe-se que o Russo se diverte, visto que o seu sadismo é saciado e o menino cantarola versos durante os atos.

As maldades do Russo contra as aves são constantes, o que mostra que o menino não apresenta nenhum apreço por esses animais. Não há nenhum indício de que os animais, de

maneira geral, tenham promovido comportamentos violentos no menino, mesmo sabendo-se que não há justificativa que relativizem esses atos, mas que poderiam ser analisados como motivadores.

Depois com uma cana deita os ninhos abaixo. Os pequenos remexem no pó, gritam as andorinhas no ar, sai a velha com o cabo da vassoura em riste, põe o pé no sítio de costume, falta-lhe o degrau e bate com o nariz no chão. Ri-se o Russo com a alegria da maldade triunfante [...] (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 22)

Mesmo com a intenção inicial de machucar os filhotes das aves, o Russo também provoca a queda da bruxa das Portelas, que se machuca ao cair no chão. Ao rir do episódio, transparece a satisfação do menino em causar mais uma violência física, o que resulta, logo em seguida, em seu futuro amaldiçoado. Com a intenção de fazer com que o jovem sofra assim como provoca o sofrimento, a bruxa o amaldiçoa e dá o poder às andorinhas de escolher, a cada ano, em que bicho ele e a amiga Pisca se transformarão.

Já transformados, a maldição rogada pela bruxa é concretizada, e o Russo e a Pisca passam a sofrer múltiplas maneiras de violência, seja intencional dos próprios animais, seja pelos instintos da natureza.

Já as nossas mãos procuravam nos bolsos as lascas de pedra que lhe havíamos de atirar à cabeça [...] Um sardão nesse momento avançou para nós com a guela aberta [...] Tinha dois palmos e dentes de monstro. – Mete-lhe a aba do chapéu na boca senão mata-nos aqui a todos! – O mais valente avançou com o chapéu na mão, atirando-lho à boca – logo o bicho apertou os queixos, logo o rapaz o sacou de repente, mostrando-nos os dentes cravados no feltro... Ó que pedradas cairam sobre o monstro dominado e inútil, ridículo como um velho general com dentadura postiça! Avante! Aganta e mata! Mata tudo que aparecer na selva que nos inebria com o cheiro a sol, a resina, com a acção e a luta, com o desconhecido. (BRANDÃO; ANGELINA, 1970, p. 186)

A violência física, por parte do menino, já não é mais concebida apenas no intuito de ser somente um ato de agressão e de demonstração de poder, agora ela é um mecanismo de reação. Ao se sentir ameaçado, o menino metamorfoseado se defente agredindo o seu adversário e entram em luta corporal, com a utilização de mecanismos que a conjuntura física lhe proporciona. Enquanto o Russo não estava enfeitiçado, a violência ocorria de forma muito mais injusta, já que as partes envolvidas possuíam tamanhos e forças desproporcionais. Já quando metamorfoseado, há certa equidade e a intenção de matar o adversário é levada até a exaustão, ou até que uma das partes perca a vida.

Como apresenta danos físicos, o tipo de manifestação violenta apresentado nos trechos analisados é de mais simples classificação como violência física. Ao chegar nos ninhos e

comer os ovos, ou os filhotes, o resultado dessa ação fica exposto, como as cascas ocas dos ovos, ou os ossos das pequenas aves, assim como a visualização dos grilos espetados, ou seus corpos, ainda pegajosos, amontoados no bolso do Russo.

CONCLUSÕES

Mediante proposta de trabalho em analisar a obra infantojuvenil *Portugal pequenino*, de Raul Brandão e Maria Angelina, foi apresentado primeiramente o contexto histórico de Portugal do final do século XIX e início do século XX, período ao qual a narrativa lusitana faz referência. Analisamos movimentos que marcaram essa época e que influenciaram a narrativa de Brandão. Também foi possível entender como a sociedade portuguesa lida com o seu passado de nação desbravadora e colonizadora, e a interação com seus vizinhos europeus. Além disso, também foi fundamental pesquisar sobre a vida do autor português e as relações existentes entre sua vivência e suas obras, que mostram ter muita ligação com seu passado e sua origem.

Nesse estudo, fez-se necessária a pesquisa sobre algumas das maneiras como a violência pode ser manifestada. Intensificamos os estudos sobre a violência física, a econômica e a psicológica. Centralizamo-nos nessas três nuances de violência, visto que são modos de violência encontrados em diversas passagens na obra lusitana em questão. Percebemos que, dentre as três, a violência psicológica é a de mais difícil identificação, uma vez que se encontra, geralmente, com suas consequências ocultadas. A violência física, por outro lado, deixa marcas na vítima, e a econômica pode ser percebida por meio da observação de um ambiente marcado pela desigualdade. Frequentemente, os modos de violência se entrelaçam e uma única situação pode não estar configurada em apenas um de seus vieses. Notamos que, em todas as ocorrências das manifestações violentas, há aquele que detém o poder, o dominador, e, de lado oposto, aquele que ocupa o lugar de dominado.

Por fim, observamos que mesmo se tratando de um livro infantojuvenil, *Portugal pequenino* apresenta ao seu leitor diversas passagens em que são encontradas manifestações violentas. O personagem Russo de Má Pelo, personagem principal da narrativa, protagoniza inúmeras situações de imposição de poder por meio da violência. Em alguns episódios, o próprio menino pratica os atos cruéis, mas em outras situações ele é quem sofre as ações violentas das demais personagens da obra. Além disso, notamos que o autor Raul Brandão problematiza as questões de sua terra lusitana, as relações entre a sociedade e a interação que os indivíduos constroem com o ambiente.

Brandão deixou heranças significativas, principalmente por trazer uma narrativa denunciativa na literatura portuguesa, o que trouxe influências para demais escritores. Mas, infelizmente, a valorização da obra brandoniana é tardia, apesar de sua linguagem configurar-

se extramente como literária e poética. O fato é que não há como, certamente, definir a causa do silêncio da crítica em relação às suas contribuições literárias, mas uma hipótese é sobre os temas recorrentes usados pelo autor. Por vezes, Brandão coloca o dedo nas feridas sociais portuguesas, focalizando nos miseráveis que a sociedade exclui e não deseja ver.

Problematizar questões sociais no contexto histórico em que Raul Brandão se insere pode ter sido uma questão sensível e que o levou a ocupar esse lugar de esquecimento consciente por parte da academia. Porém, conforme a sociedade evolui e se moderniza, questões sociais também são mais discutidas e entram em pauta. Junto com elas, percebe-se que se faz necessário discussões e pesquisas sobre interações e comportamentos humanos, o que, infelizmente, não era observado em períodos anteriores. É importante salientar a contribuição de muitos autores, como Raul Brandão, ao produzir literatura que englobe a sociedade no geral, e não apenas uma parcela dela, além de lamentar a notoriedade tardia desses criadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Pedro de. *Raul Brandão - A Obra e o Homem*. Lisboa: Acontecimento, 2002.

ARENDDT, Hannah. *Da violência*. Sabotagem, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOURDIEU, Pierre et al. *O poder simbólico*. 1989.

BRAEM, Eloísa Porto Allevato. *Sobre dois entardeceres: o fim do século XIX e o fim do milênio*. SOLETRAS, n. 29, p. 133-149, 2015.

_____. *Literatura Decadentista e Ilustração: Do monstro em claro-escuro pesadelo ao Russo multicolor*. Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v. 9, n. 1, p. 34-49, 2018.

BRANDÃO, Raul; ANGELINA, Maria. *Portugal pequenino*. 3. ed. Coimbra: Atlântida, 1970.

BRANDÃO, Raul; ANGELINA, Maria. *Portugal pequenino*. Lisboa: Veja, c1985. (Coleção Outras Obras).

BRANDÃO, Raul; REYNAUD, Maria João. *Húmus*. Vega, 1981.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão de tradução: Marina Vargas. Revisão técnica: Carla Rodrigues. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CABRAL, Raquel; GOTHARDO, Josiane; MURBACK, Lucas. *A cultura de paz no contexto das Relações Públicas Comunitárias e responsabilidade social*. Razón y Palabra, p. 1-16, 2014.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. 22. ed. Belo Horizonte: Seletiva, 2009.

CANDIDO, Antonio et al. *Literatura e sociedade*. 2000.

CENTRO ESTADUAL DE VIGILÂNCIA E SAÚDE. Cevs, 2021. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português*. Análise social, v. 21, n. 87/88/89, p. 869-901, 1985.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. *Violência e saúde*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.
DIAS, Fernando Paulo Rosa. *O Expressionismo e a estética do feio*. 2012.

FOUCAULT, Micheal. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 12. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GALEANO, Eduardo H. *As veias abertas da América Latina*. Trad: Sergio Faraco. Porto Alegre: RS:&PM, 2016.

GALTUNG, Johan. *Três formas de violência, três formas de paz*. A paz, a guerra e a formação social indo-europeia. Revista crítica de ciências sociais, n. 71, p. 63-75, 2005.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Editora Ática, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Medo, Reverência, Terror: Quatro ensaios de iconografia política*. Tradução de Federico Carotti, Joana Angélica D'Avila Melo e Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KLEINMAN, Paul. *Tudo que você precisa saber sobre filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano*. Tradução: Cristina Sant'Anna. São Paulo: Editora Gente, 2014.

LAW, Stephen. *Guia ilustrado Zahar: Filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica: Danilo Marcondes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2011.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *O labirinto da saudade*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

_____. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Edições Vercial, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SOUZA, Edinilsa R. de. *Violência para todos*. Cadernos de Saúde Pública, v. 9, p. 65-78, 1993.

NUNES, Maria de Fátima. *O Liberalismo Português. Ideários e Ciências*. O Universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860). 1988.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. Brasiliense, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, Etienne G. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

PIRES, Machado. *O essencial sobre Raúl Brandão*. 2007.

PRADO JR, Caio. *Dissertações sobre a Revolução Brasileira*. Org: Raimundo Santos. São Paulo: Brasiliense: Fundação Astrojildo Pereira, 2007.

REYNAUD, Maria João. *Raúl Brandão: ficção e infância*. Revista da Faculdade de Letras-Línguas e Literaturas, v. 12, 2020.

RIOS, Otávio (Org.). *Raul Brandão, um intelectual no entre-séculos: estudo para Luci Ruas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

ROSAS, Fernando. *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. Análise social, p. 1031-1054, 2001.

ROSAS, Fernando. *História da primeira república portuguesa*. Edições Tinta da China, 2009.

ROSAS, Fernando. *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar*. Lisboa: Tinta-da-China, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução: Lourdes Santos Machado. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 9ª Edição. Publicações Europa-América, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; et al. *História do Brasil para ocupados: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país*. Org: Luciano Figueiredo. 2ª ed. São Paulo: LeYa Brasil, 2020.

VIÇOSO, Vítor. *A máscara e o sonho: vozes imagens e símbolos na ficção de Raul Brandão*. Lisboa: Cosmos, 1999.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Editora Cultrix, 2004.